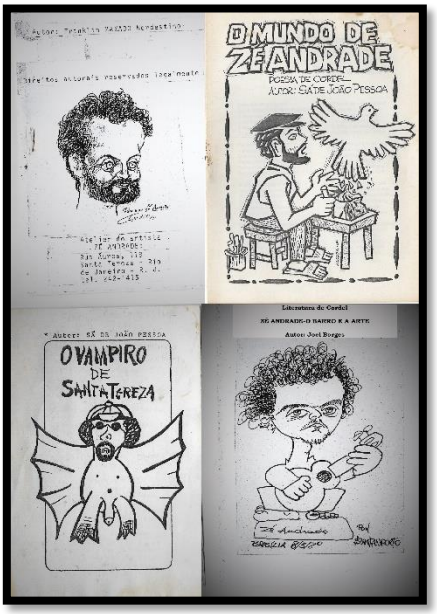
Salomão Rovedo

De Ubaíra a Santa Teresa



A jornada de Zé Andrade a São Saruê

Rio de Janeiro, Cachambi,
novembro de 2020/janeiro de 2021
sob o terror da Pandemia do Covid-19

Para o amigo Zé Andrade

O vampiro de Santa Teresa

Santa Teresa já dorme
sob o manto do silêncio.
Na Rua Leopoldo Froes
uma luz permanece acesa.
Um ser soturno se inclina,
lá fora cai a neblina...

A mão que amalgama a massa,
como se fosse cirurgião,
busca a forma perfeita
ao jeito do Criador.
Enquanto dorme a cidade,
pega o bisturi Zé Andrade.

O que era apenas barro
vai criando alma e jeito,
se lhe ferir muito fundo
é capaz de sentir dor,
fazer o sangue jorrar,
o grito na noite ecoar.

Pelas noites tenebrosas,
des que veio da Bahia
sedento de fama e sangue
de lindas gentis donzelas,
o Vampiro afia a presa

e age em Santa Teresa.

Nas noites de inverno e frias
Zé Andrade se esgueira
qual um fantasma que emerge
da névoa transparente,
com as garras afiadas
ele ataca nas estradas.

Desses ataques secretos
em briga com mil demônios
nascem os filhos do mal
famintos de sangue e fel,
heróis do mesmo milênio
surgem da força do gênio.

Ah! Donzelas! Atentai!
Nas esquinas assombrosas
e escorregadias ladeiras
da bela Santa Teresa
logo quando cai o dia
o Vampiro se anuncia.

No Bar do Arnaude e botecos,
o vinho tinto de sangue,
largamente consumido
serve de breve alento,
mas o vampiro no cio
almeja o púbis macio.

Malandros e vagabundos,
sambistas e batuqueiros,
deuses e trabalhadores,
Zé Andrade retratou
e uma Iemanjá sensual
excita o sexo animal.

As pernas longas de escamas
flutuam sobre as águas
e as não podem ocultar
esse tesouro vadio:
perde toda a virgindade
nas garras do Zé Andrade.

Honrando a democracia,
a força do pé no chão
exercita o jornalismo,
teatro, cinema, política
– e sendo malabarista

aos domingos é cordelista!

Homem de mil personagens,
cara de muitas facetas,
artista de mil visões,
no barro, no berro, no grito,
com força, talento e calma
as figuras criam alma...

Não lhe falta inspiração,
esse é um dom Divino
que guia todos os artistas.
Mesmo que falte esse dom
que é a força do Criador,
– ele terá o amor.

Só a solidão o comove
(algo anormal aos vampiros),
não pode passar mil anos
sem outros seus semelhantes:
antes que o atinja a loucura,
busca outra criatura...

Quem não conhece esse Santo,
Ogro, Demônio, Fantasma?
Quem não conhece o Vampiro,
Zumbi, Caipora, Estrige?
Virgem dama pudorosa,
que ele não lhe chupe a rosa!

Rogai também penitentes,
o proteger do Eterno!
Vesti o manto de luz
e que ele não os ataque:
de dia quando o sol é lindo,
o Vampiro está dormindo...

Iniciando a jornada

(...) é bom imaginar que se tem um certo remorso em não morar em Santa Teresa, e talvez mais tarde, como todo mundo que vive no Rio, a gente pensa inutilmente em morar um dia em Santa Teresa, entre galinhas, árvores, redes, crianças, mulheres... Mas em que remoto mundo se esconde, em que estrela ou esquina vagueia essa mulher que levaríamos pelo braço, docemente, para morar em Santa Teresa? (Rubem Braga)

Quando numa tarde de calor, céu coberto de nuvens escuras que deixam a atmosfera abafada e anunciam as tempestades de verão, recebi um telefonema aflito de Zé Andrade, o malfadado ano de 2020 – que trouxe de 2019 a terrível pandemia do Coronavirus – já entrava em seus últimos meses. Preciso dizer que eu e Zé Andrade temos amizade e conhecimento que se enraízam nos anos 1970 e nossa conversa telefônica se arrasta por horas e só chega ao fim quando um de nós a interrompe abruptamente alegando uma dor-de-barriga. Esta não foi diferente, mas trazia consigo o objetivo – do qual sempre me esquivei – de escrever algo sobre esses anos de amizade e companheirismo, cheios de altos e baixos.

Zé Andrade aprontou o ponto final da conversa dizendo que estava me mandando pelo correio – correio físico, não este virtual que a internet trouxe – um pacote com material para que eu visse e fizesse o que achasse por bom. Em entremeio a alguns assuntos que tinham passado sem nota, confesso, amigo Zé Andrade, que me perpassou pela cabeça a ideia de ver e devolver e encomenda, já que estou proibido pelos moços e velhos que ora regem a minha vida de ter livros, beber cachaça e vadiar com mulheres, Bíblia da minha existência.

Mas as coisas não se passam conforme um quer, sem confirmação da força soberana que nos rege desde Marte, sem ouvir as *buenas dichas* das Ciganas, sem receber nos sovacos o fumo do Preto Velho, Pai Joaquim de Angola...

Nunca disse a ninguém, mas tomei a profissão de escritor não remunerado depois que os locais onde trabalhei e joguei fora minha juventude, saúde, força e disposição, me

mandaram embora e recusaram qualquer tentativa de reaproximação. Em resumo: fiquei velho, imprestável para a sociedade. Então, foi assim que passei a morar com as minhas mazelas: jogar xadrez, alcoólatra e escritor ocasional. Durante esse entremeio da minha vida, a bactéria H. Pylori se aproveitou de minhas vísceras estraçalhadas e lá se instalou incrementando mais ainda os incômodos que a venenosa bactéria carrega desde milênios...

Bem, o pacote de Zé Andrade trazia, além do Coronavirus, os seguintes panfletos: a plaqueta "Eu e o Cordel – Biobibliografia de Elias A. de Carvalho" (1991), capa com ilustração de Zé Andrade; o "Boletim nº 93" da Casa de Cultura São Saruê (1992), capa com xilogravura de Ivan [Borges]; o livrete imitando folheto de cordel "Visita à Casa de Cultura São Saruê" de Durval Lobo (s/d), capa com desenho da Casa São Saruê, de autoria não identificada; mais os seguintes folhetos de cordel: "Casa as Cultura São Saruê" (1978), com versos de Expedito F. Silva e Manoel Camilo dos Santos tecendo louvores à instituição (capa de Dila); "O vampiro de Santa Teresa" (1983), de Sá de João Pessoa (capa com ilustração do autor); "Zé Andrade-O barro e a arte" (1980), de Joel Borges, capa adaptada de caricatura de Biratan Porto; "ABC de Carlos Zéfiro" (1983), de Sá de João Pessoa, capa de Ivan [Borges]; "O mundo de Zé Andrade", (1985), do mesmo autor, capa de Duarte; "O poeta de São Saruê" (1987), em que vários poetas homenageiam o recém-falecido Manoel Camilo dos Santos, capa de Erivaldo; "O avô brasileiro de Obama" (2011), de Sá de João Pessoa, capa de Zé Andrade, marco da visita que o Presidente dos EUA Barack Obama fez ao Brasil; "O homem que cria deuses do barro (Zé Andrade)" (1984), de Franklin Maxado, capa adaptada com caricatura de Guidacci e "Em memória do poeta plante um pé de tamarindo" (2013), homenagem de vários cordelistas ao poeta Augusto dos Anjos, com capa de Zé Andrade.

Esse material todo me trouxe inúmeras recordações, evocando um passado não distante em que convivemos como irmãos, promovendo arte, inventando movimentos, amando mulheres, misturando as famílias de cada um de nós, que iam e vinham às casas como se fosse uma Taba. Eu, Zé Andrade, Franklin Maxado, Raimundo Silva, Marcelo Soares, Joel

Borges e seu filho Ivan, Ciro Fernandes, irmãos, irmãs, parentes e aderentes, tudo misturado com os poetas e cantadores da Feira de São Cristóvão ou encontrados nas ruas e praças do Rio de Janeiro vendendo seus folhetos, sendo perseguidos pela polícia, por equipará-los aos camelôs. Inúmeras vezes esbarrei com cordelistas nas ruas e praças: José Gentil Girão (Seu Ventura), João José dos Santos (Azulão), Joel Borges, Marcelo Soares, Sebastião Nunes Batista, Apolônio Alves dos Santos e muito mais...

Apesar de tudo ser arte, a arte não é igual em si. Se pedirmos a Zé Andrade, que é escultor, para fazer a figura do Barão de Itararé ele terá inúmeros recursos e registro visuais para executar com a maior perfeição possível a obra. Mas a escrita – de ficção, de ensaio, de história – tem fontes de realização imateriais. O autor pode fazer as pesquisas que quiser e puder, mas terá a difícil tarefa de montar o quebra-cabeças, atravessar o labirinto, trabalhar com fatos enterrados e indesejáveis. Uma dúzia, sim, doze peças pequenas que me levaram de arrastão às mais diversas lembranças, fizeram um *backup* da minha memória, me obrigando a replantá-los e fazê-los reflorescer.

Mas é tudo irreal, tudo fantasia, como disse Pablo Neruda, quando veio ao Brasil: "*Tanto caminar, tanto caminar, para llegar a Maputo!*" Foi essa a minha jornada: caminhei, caminhei, passei por Macondo, atravessei a Coconha, para finalmente chegar a São Saruê.

Salomão Rovedo

Peregrinos da Arte Popular

Santa Teresa, no Rio de Janeiro, guarda muitos lugares de história e mistério. O bairro no princípio era uma extensão da Lapa, lugar de muitas nascentes de água límpida, potável: por isso mesmo deu lugar a inúmeras fontes de abastecimento para a população mais pobre que principiou a ocupar o lugar – de todo indesejado pela sociedade, a não ser por alguns iniciados. Essa mesma abundância de água, porém, selou ao local outro destino: durante as chuvas de verão o lugar ficava intransitável, as águas, mescladas a dejetos de toda natureza, transbordavam até o Passeio Público. Com isso o ambiente se tornou insuportável: as vias de acesso entre os bairros e o centro, que se cruzavam no mesmo lugar, ficavam semanas interditadas.

Para pôr fim a todas as mazelas se resolveu aterrar e urbanizar o local – em breve a Lapa seria um bairro nobre, ao redor da Igreja N.S. do Carmo da Lapa do Desterro (com Convento e Seminário), projeto do Século XVIII, do engenheiro português José Fernandes Alpoim, por isso templo tem apenas uma torre. Em volta desse complexo religioso construíram-se casas novas, lojas, armazéns e demais edificações destinadas ao comércio e aos estabelecimentos públicos.

Algum tempo depois outro tipo de "comércio" começou a se insinuar na Lapa. O local à noite se fechava todo, as ruelas com mais sombras que claridade, facilitaram para que as casas se transformassem aos poucos em local de reunião de casais, grupos de jogadores de carteado, bebedores, consumidores de ópio e absinto, tudo de forma quase anônima como sociedades secretas que só a iniciados davam acesso. Um cenário assim é pródigo para a exploração da prostituição, casinos, cabarés e outros atividades ilícitas, geralmente exploradas por ricos traficantes: as chamadas *francesas* e *polacas* (mesmo que não tivessem essas nacionalidades), fugidas da Europa conturbada recebiam promessa do Eldorado. Autoridades policiais logo perderam o controle de tais atividades, alguns se corromperam para *fechar os olhos*, ademais de reconhecerem frequentadores famosos: altas autoridades, pessoas ditas respeitáveis e até mesmo os próprios chefes mafiosos.

O bairro da Lapa não era lugar de guardar segredos, cedo ou tarde ali tudo se sabia. Quando a situação se tornou insustentável, as famílias, os profissionais, trabalhadores, artistas e moradores que tinham outros objetivos começaram a reunir os pertences e iniciar o êxodo, através da Ladeira de Santa Teresa. Foi uma debandada gradual, mas definitiva. Até a Academia Brasileira, que teve ali a primeira sede sob a Presidência de Machado de Assis, teve que remover os móveis, livros e pertences dos imortais para outro local.

A Lapa – que um dia foi chamada de *Montmartre Brasileira*, por ser habitada e frequentada por poetas, pintores, artistas, escritores e diplomatas – ficou por fim nas mãos dos contrabandistas, vendedores de ópio, donos de cassinos e boates, exploradores de mulheres que – fugindo da pobreza e da violência da guerra – acorriam acreditando na promessa de trabalho honesto e rentável.

O auge da fama da Lapa como réplica do famoso bairro francês foram os mais de vinte anos quando, atraídos pelo ímã boêmio-poético chamado Manuel Bandeira, que tinha se mudado da Rua do Curvelo – onde residiu treze anos e escreveu "O ritmo dissoluto", "Libertinagem", "Crônicas da província do Brasil" e poemas para o vindouro "Estrela da manhã" – para a Rua Morais e Vale (outros dizem que morava no Beco da Carmelitas). Seu vizinho mais famoso era o jornalista, crítico de arte, dramaturgo e romancista potiguar Peregrino Júnior, membro da Academia Brasileira de Letras.

Centenas de intelectuais cariocas, filhos de famílias honradas e respeitáveis – muitas vezes reforçados pelos paulistanos e nordestinos que inventavam o Modernismo Brasileiro (por sua vez cópia do Futurismo europeu), como Mário de Andrade e Ascenso Ferreira – passaram a fazer do local ponto de reunião, à noite, claro. Por outro lado, no morro de Santa Teresa as poucas casas de porta-e-janela, em geral ocupadas por trabalhadores negros, pobres e mestiços, principiava a se transformar. Aquele bairro pacato, silencioso, cheio de ladeiras e vielas – começou a ser habitado por poucos visionários, a ser descoberto pela classe média, pelos músicos, escritores, pintores e poetas. As mansões, hotéis, casas de

repouso, clínicas de saúde se multiplicaram, o bairro enobreceu.

O abastecimento de gêneros alimentícios, de água potável, as escolas primárias, tudo estava ao alcance de Santa Teresa. Então, o inevitável aconteceu: os melhores arquitetos foram atraídos pela qualidade local e começaram a projetar, construir e vender casas confortáveis, mansões com amplo jardim e quintal, com fonte própria de água mineral, dando ênfase ao aproveitamento do clima ameno no verão e ao luxo das noites frias durante o inverno. Em seguida começaram a surgir mais escolas, igrejas, templos religiosos de vários matizes, as delegacias policiais, o bonde. Os jornais, por sua vez, aumentaram as notícias do novo bairro "elegante", com a consequente inclusão dos moradores de Santa Teresa na sociedade Carioca e Fluminense.

De forma absolutamente natural, pode se dizer que a *Montmartre Brasileira* subiu o morro. Com a fama em alta, a expansão do bairro foi natural. Os proprietários das mansões, construídas pelos melhores arquitetos em consonância com o clima ameno do morro, a abundância de árvores frutíferas, a proximidade com a mata atlântica, promoviam reuniões com a presença de notáveis, não só do Rio de Janeiro, mas também visitantes de outros estados e países. As atrações se diversificavam: reuniões sociais, exposições de artes plásticas, representações teatrais e musicais com direito a orquestra sinfônica, pianistas, cantores líricos, orquestras sinfônicas, artistas famosos eram convocados para apresentações íntimas no pequeno teatro de Santa Teresa, aperitivo das grandes récitas realizadas no Teatro Municipal, Carlos Gomes e João Caetano.

Esse lugar privilegiado e bucólico, a poucos minutos do Centro da Cidade, tinha fácil acesso a comércio de bens, a hospitais e clínicas médicas, às repartições públicas, de repente viu-se transformado na nova *Montmartre Brasileira*. Embora alguns moradores repudiem tal paralelo, não há como negar que uma verdadeira Academia Universal passou a viver em Santa Teresa, comungando os mesmos ideais de vida, arte e cultura. Interessante notar que, enquanto escritores, pintores, compositores, poetas, escultores e outros artistas

subiam a Ladeira de Santa Teresa, o poeta Manuel Bandeira havia feito itinerário inverso: saiu da Rua do Curvelo para morar na Rua Morais e Vale.

Quando a Lapa em pleno declínio se tornou inabitável como bairro (as autoridades resolveram moralizar o local usando a truculência policial), o poeta fugiu para a Praia do Flamengo e logo depois fixou morada na Av. Beira Mar, ao lado da Praça Espanha e próximo da Academia Brasileira de Letras, onde fez discurso de recepção para o acadêmico recém-eleito, o potiguar Peregrino Júnior, irmão mais velho de Umberto Peregrino.

é o lugar melhor
que neste mundo se vê

Uma coisa não se pode negar: Umberto Peregrino tinha amor aos livros, pelo nobre objetivo de disseminar cultura e saber. Dirigiu as bibliotecas do SASP na Praça da Bandeira, depois foi convocado a impulsionar a Biblioteca do Exército, missão que cumpriu com louvor, até ser exonerado por ordem vinda diretamente de Washington. Duas outras obsessões trazia o potiguar: fazer o livro se popularizar entre as classes sociais mais carentes e divulgar a cultura popular da sua região entre as classes sociais que até então esnobavam as manifestações festivas do Nordeste. Por isso, quando se alojou numa confortável morada de Santa Teresa – que trazia além do conforto um vasto espaço interior e exterior – com o apoio total da esposa Yris inventou e abriu as portas para a população e, principalmente, para estudantes e professores das escolas primárias, a Casa de Cultura São Saruê.

A Casa São Saruê, como era popularmente chamada, em pouco tempo cresceu e se tornou a realizadora de dezenas de atividades de cunho educativo e popular atraindo às suas dependências milhares de visitantes, promovendo cursos em convênio com escolas e universidades, divulgando a cultura popular, com ênfase às produzidas no Norte e Nordeste do país. Entre as danças de Reisado e Pastorinhas, Umberto promoveu uma apresentação do Bumba-meu-boi (versão do Amazonas), que foi ensaiada e dirigida pelo folclorista amazonense Francisco Manuel Brandão, utilizando

funcionários e frequentadores locais para a representação do auto no espaço cultural que se transformou o SAPS da Praça da Bandeira com presença de público de mais de três mil pessoas de todos os matizes sociais. No mesmo local apresentações de cinema e teatro eram dirigidas por Paschoal Carlos Magno que muito colaborou com a Casa São Saruê.

Pelo exemplar do Boletim nº 93, de 1992, que comemora 22 anos desde a criação da entidade e registra as atividades da Casa de Cultura São Saruê, dá para notar que a estrutura orgânica criada por Umberto Peregrino em nada ficava devendo aos atuais centros culturais que proliferaram no país, coisa inimaginável na época. A Casa São Saruê contava com Biblioteca, Salas de Leitura, Arquivo Histórico, Museu de Relíquias e Antiguidades, Escolinha de Arte, Discoteca, espaço para exposições e apresentação de cantoria e violeiro e uma instalação para receber hóspedes, geralmente poetas de cordel que vinham se apresentar no Rio de Janeiro. Mas a pérola da instituição era o Centro de Estudos da Literatura de Cordel, que se tornou o ímã para atrair todas as atividades que circundam a poesia popular nordestina.

O Boletim faz questão de registrar que a Casa São Saruê vinha sobrevivendo sem qualquer auxílio ou patrocínio. Apenas a Fundação Rio dava algum apoio financeiro, necessário para a edição de folhetos de cordel, pois o Centro de Estudos da Literatura de Cordel, na época também publicava folhetos. Seu acervo contava à época uma coleção com mais de 5.000 folhetos, além da biblioteca temática especializada, uma seção de gravações em cassete de cantorias e entrevistas com poetas, violeiros e cantadores, e também coleção de tacos e matrizes de capas de folhetos, manuscritos, arquivos e recortes sobre o tema, coleções essas doadas por vários poetas populares.

com ordem do pensamento
fui conhecer o lugar

A Academia Brasileira de Literatura (ABDL), fundada em 1980 e presidida pelo paraibano Horácio de Almeida, foi convidada para uma visita formal à Casa São Saruê. Umberto Peregrino, também membro da ABDL, ocupava a 2ª Vice-

Presidência da entidade e junto com Dona Yris, seria o anfitrião no evento, onde as formalidades foram deixadas de lado em prol de um dia inteiro voltado à cultura popular nordestina.

O Acadêmico Durval Lobo, membro Titular da ABDL, festejou a visita com um folheto que imitava a Literatura de Cordel e teve a apresentação de Horácio de Almeida. Não deixa de ser um ponto de vista das entidades formais ao espírito da Casa São Saruê, se aprofundando até onde os espíritos supérfluos não enxergam. De fato, ninguém havia conseguido representar de modo perfeitamente ajustado a mescla das culturas popular e clássica, de modo que não se percebesse nenhuma fronteira entre elas, a não ser o desconhecimento que causa preconceitos e rejeições. Umberto Peregrino alcançou essa meta de modo perfeito e natural, sem traumas. Tanto Horácio de Almeida quanto Durval Lobo expressam com sinceridade no folheto "Visita a Casa de Cultura São Saruê":

PREFÁCIO

O autor dispensa apresentação. Homem de letras, ensaísta, professor universitário, engenheiro ilustre. Sinto-me ligado a ele, por estima e admiração, desde os tempos em que fazíamos força, juntamente com Álvaro Faria, para botar o Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes nos eixos.
Muitos anos já se foram. O decurso do tempo consolidou o apreço que a sua simpatia intelectual suscitava.
Durval Lobo nunca deixou de ser poeta. Por muito que se absorvesse no trabalho o tempo não lhe minguava para o conúbio com as musas. No começo, trabalhava o soneto e demais composições líricas. Depois, passou para a trova, que ainda é hoje o seu derivativo espiritual.
Por último, para não dar trelas ao ócio, está experimentando o seu talento poético na sextilha rimada, consoante o género da literatura cordelista.
Esta literatura nasceu no Nordeste, produzida em linguagem simples, de cunho nitidamente popular, sem gramática, sem retórica, mas cheia de ritmo, de imaginação, de graça poética, de poder criador. Ali se desenvolveu na aridez da terra e do clima e, já madura, esvoaçou pelo resto do Brasil, levada no quengo dos cabeças chatas, cognominados paus de arara.

Quando ainda no berço, no terreiro natal, tinha por tema o boi, o vaqueiro, o cavalo campeiro, as entidades míticas e, como não podia deixar de ser, entrou na temática o cangaceiro, porque em tudo se buscava o herói, como produto da terra. De par com isso, exercitava¬-se a agilidade mental nas cantigas de desafio, nos repentes, nas louvações.

Durval Lobo envereda agora por esta poesia trovadoresca, onde predomina o culto sentimental, guarda-se, entretanto, de perpetrar a chamada poesia de cordel, na sua forma tradicional, porque seria, no caso, uma contrafação.

Digo contrafação e explico-me. Há letrados que dão o requinte de imitar os cordelistas. Estropiam os vocábulos, conspurcam a gramática, a sintaxe, pensando que estão fazendo literatura de cordel. Não fazem senão contrafação literária.

O homem culto pode muito bem descer ao nível do primário, fazer versos ao sabor da literatura popular, mas sempre se denuncia em tamanha fraude.

Durval Lobo não mergulha nesse lodaçal. Subtrai da literatura de cordel o espírito poético, apenas isso, sem fazer obra de decalque, sem reproduzir a maneira de expressão da grei anônima que criou o cancioneiro popular do Nordeste.

Em 50 sextilhas, como adiante se vê, descreveu a visita que a Academia Brasileira de Literatura fez à Casa de Cultura São Saruê, de Umberto Peregrino, em Santa Teresa. Os repentistas do verso, quase todos paraibanos, que Umberto convocara, esbanjavam talento ao som da viola. Faziam louvação ao dono da casa, aos visitantes e, além disso, glosavam motes.

Salas e mais salas apinhadas de objetos de arte popular, desde a roladeira sertaneja aos bonecos de Vitalino. Dou o meu testemunho porque lá estava participando da festa.

O poema de Durval não destoa do timbre de louvação, tão do gosto das festas populares. Vejam só esta amostra:

Viva Umberto Peregrino
que planta e colhe cultura,
um notável nordestino
que nessa missão tão pura,
vai cumprindo seu destino
em santa e nobre ventura.

Bastante perspicácia teve o autor pare guardar a forma tradicionalista, sem descair no plebeísmo da linguagem, como fazem alguns imitadores.
Arte é arte. Ninguém é dono do espírito, mas a forma de expressão é outra coisa.
HORÁCIO DE ALMEIDA

E agora o texto/folheto de Durval Lobo, todo escrito, como disse Horácio de Almeida, em formato de poesia de cordel, numa clara homenagem ao elemento que mais se destacou entre as atividades da Casa de Cultura São Saruê – Centro de Estudos de Literatura de Cordel, que sugere, inclusive, a existência de uma fusão e perfeita harmonia entre a culturas ditas popular e erudita:

A Academia Brasileira de Literatura agradece, sensibilizada, a honra do convite e o prazer da visita.

Nosso Umberto Peregrino
convidou a Academia,
um convite muito fino,
para ter muita alegria
na casa de um nordestino
onde o Nordeste recria.

Aqui mostra toda a essência
da gente que vem do Norte,
ao sabor da inteligência,
buscando tentar a sorte
mas cantando amarga ausência,
pois que cantar é seu forte.

A terra ficou distante,
o cenário se alterou
mas cantando leva avante
o que, de fato, acertou:
quer descobrir o brilhante
que lá jamais encontrou.

Esse brilhante é trabalho,
trabalho graça de Deus,
pede à fé, seu agasalho,

que o defenda e bem aos seus,
quer estrada e não atalho,
quer ao mal dizer adeus.

Traz no peito um coração
que amargurado viveu
plantando num pobre chão;
o que plantou não colheu,
ora tem inundação,
ora de seca morreu.

Foi na vida que amargou
que se fez um lutador
e se a terra o derrotou
ele fez da própria dor
uma força que o levou
não ver espinho sem flor.

Se a terra não dá mais nada,
vai buscar outras paragens,
a gente desanimada
só consegue ver miragens;
que se mude a caminhada
para ver outras paisagens.

Mas longe desse torrão
onde viu a luz do dia.
viver com aflição -
pois a gente já não ria -
fez do pobre coração
fonte de rara alegria.

Lutando desde menino
naquele sofrido agreste,
cabra mostra seu tino
não há quem o conteste;
para todo nordestino
todo o Brasil é nordeste.

Porque sente no calor,
dos aplausos que merece,
andando por onde for,

o trabalho que oferece,
pois sendo trabalhador,
todo o Brasil agradece.

No Norte, sul ou sudeste,
ou noutra parte qualquer
ou seja no centro-oeste,
ele faz do seu mister
visando ao reino celeste,
o maior bem que puder.

Gente brava e destemida
vai domando a Natureza,
faz da luta a própria vida,
jamais denota fraqueza,
por isso, sua acolhida
é motivo de grandeza.

O canto é sua alegria,
quando esquece os dissabores
da luta do dia-a-dia,
ou quando canta os amores,
na mais doce companhia,
entre mulheres e flores.

E canta a grande saudade
dessa gente tão querida,
da terra, um bem de verdade,
que garante nossa vida,
que sustenta a Humanidade
em sua sagrada lida.

Esta nossa Academia
ouvindo o Norte cantar,
nessa bela cantoria,
relembra que o verbo amar
numa eterna sinfonia
faz o ser multiplicar.

Trata de literatura
esta nossa Academia
que, brasileira, assegura

o valor da poesia
nesta terra onde procura
ser das letras garantia.

Esta santa companhia
de amizade verdadeira,
tem literatos que, um dia,
dirão à sua maneira
que do belo, essa harmonia
hão de compor bem faceira..

Em favor dos literatos,
De todos os escritores,
a Academia dá tratos
tecendo grandes louvores,
todos nós ficamos gratos,
pois somos do amor, autores.

Casa de São Saruê,
a grande obra de amizade;
o Nordeste aqui se vê
entre amigos de verdade
e ninguém, ninguém descrê
da beleza da bondade.

Com um folclore assim nobre
e de graça florescente,
todo o saber se descobre
e nos faz do amor ser crente,
e cantando não há pobre
que não se sinta contente.

Peregrino soube ver
a beleza dessa gente
que canta todo o poder
que traz vivo em sua mente,
e cantando todo o ser
é de Deus eterno crente.

Viva Umberto Peregrino.
que planta e colhe cultura,
um notável nordestino

que nessa missão tão pura,
vai cumprindo seu destino
em santa e sábia ventura.

Do Nordeste ele chegou
ao cenário nacional,
lá no Exército estudou
e chegou a General,
bibliotecas implantou
e se tornou imortal.

Nosso Umberto Peregrino,
se fez um grande valor,
do saber é paladino,
o passado é seu amor
e, revelando seu tino,
da cultura é benfeitor.

Tem tanto apego ao passado,
que julga de seu dever
resguardar para ser dado
ao futuro conhecer
o que foi bem conquistado
pela força do saber.

É riqueza que a História
tornou sublime a Nação,
dando ao povo sua glória
por feitos — grande lição
que deram sempre a vitória
nas conquistas da razão.

O futuro vai saber
o que se fez no passado,
e no presente o poder
de ser útil é contado
por Peregrino ao fazer
que seja o bem resguardado.

Obrigado, Peregrino,
eis eu nossa Academia
já pode compor seu hino

bem calcado na alegria
de conhecer o destino
de quem canta todo dia.

Deixaremos com você
nosso próprio coração;
que o bom Santo Saruê
com a nossa gratidão
não nos pergunte por que
chamamos você de irmão.

É que toda essa irmandade
que nos une muito bem,
tem por base a liberdade
de pensar, de agir, de alguém
poder dizer a verdade,
sem molestar a ninguém.

E dizemos de permeio
assim fala o coração
exprimindo seu anseio
como se fosse oração,
esse poderoso esteio
que nos leva à salvação.

Eis nosso agradecimento
por ver obra assim tão bela;
o poder do pensamento
de uma forma bem singela,
alcançando seu intento,
grandes ideias revela.

Assim é, bom Peregrino,
que, felizes, nós saudamos
por provar seu descortino
numa casa onde apuramos
que nós temos por destino
o que com fé sustentamos.

É dentro do coração
que mora nosso destino
de auxiliar nosso irmão.

de badalarmos o sino
que chama toda atenção
a quem precisa de ensino.

De ver que Deus a nos dar
a grande oportunidade
de podermos trabalhar,
Ele quer que por bondade
possamos sempre amparar
o carente de amizade.

E viver para o futuro
engrandecendo o presente
é mostrar que está seguro
da missão do Onipotente
que quer o trabalho puro
em favor de toda gente.

Quem, de fato, o povo elege
é porque tem a ventura
de conhecer o que rege
e ter saber com fartura.
Deus, na verdade, protege
quem trata, assim, a cultura.

Uma casa sempre aberta
- não entra lá quem não quer -
que permite a descoberta
do verdadeiro mister
do nordestino que acerta
vivendo como bem quer.

Com o que tem na cabeça,
pois sabe como ninguém.
conter o mal que apareça,
tudo faz, é como alguém
que, sem nada que ofereça,
não faz mal, só faz o bem.

Tem na mente seu segredo
nas mãos habilidade,
se pensa é sem arremedo

que faz tudo com vontade
da vida não tem medo,
é valente de verdade.

Caça e pesca, dominando
os mistérios da Natura,
jamais se vê descansando
e, com sua mão segura,
se tem chão, mostra plantando
a fé na vida futura.

Casa de São Saruê
tem biblioteca afamada
tem cordel como quê,
é, de fato, organizada,
livro antigo que se vê
da gente ficar pasmada.

Obras raras, sim senhor,
de autorias consagradas,
que procurando, onde for,
jamais serão encontradas.
Assim é com muito amor
que lá ficam bem guardadas.

Tem Museu de Artesanato
e de Arte bem popular.
Tem brinquedo que, de fato,
quando a criança brincar,
vai pondo com seu contato
a cabecinha a pensar.

Tem da história belo arquivo,
são ricos seus documentos;
tornando tudo bem vivo,
onde se passam momentos,
verdadeiro lenitivo,
com felizes pensamentos.

Grandes nomes do Brasil
que marcaram seu destino,
gente de belo perfil,

de caráter diamantino,
com seu porte varonil
na SALA JOÃO PEREGRINO.

Peregrino Júnior tem,
como Patrono de Sala,
o seu arquivo, também,
linguagem pura que fala
o que fez e muito bem
numa grande e bela escala.

De Arte Maninha se vê
a Escolinha no educar,
ir muito além do ABC,
conseguindo despertar,
por sua própria mercê,
a criança, devagar.

Pois quem quiser visitar
esta casa de cultura,
irá por certo, gostar.
Plantada naquela altura,
Santa Teresa a velar
São Saruê na moldura.

Peregrino, paro aqui
e bem contente vou indo;
só foi bondade o que vi
e foi tudo muito lindo;
pelo que sei e que li
falarei até dormindo.

Percebia-se pelas atuações, cuidados e providências tomadas antecipadamente, que o Presidente da Casa São Saruê, Umberto Peregrino, há muito se preparava para dar destino tanto ao rico acervo pessoal quanto o que fora acumulado pela instituição – incluindo, claro, as muitas doações – durante os mais de 20 anos de atividades ininterruptas. Pelas decisões que tomou, sempre de acordo com a "vice-presidente" de honra, Dona Yris (como ele próprio gostava de grafar), organizadora e idealizadora de muitos eventos que ficaram famosos. Simpática, educada, de espírito

nobre e ao mesmo tempo simples, Dona Yris promovia na casa muitos eventos que atraíam um segmento da sociedade mais difícil de conquistar. Ganharam fama principalmente as reuniões promovidas por ela, que atraíam os muitos artistas do bairro e visitantes ilustres, sempre regadas a comidas e acepipes da culinária potiguar e nordestina.

Em artigo publicado no citado Boletim, Umberto Peregrino faz a retrospectiva das atividades da Casa São Saruê, conta parte da sua história e realizações. É também uma espécie de réquiem, a preparação para o enterro. A idade chegara – Umberto Peregrino agora era um oitentão – minando a inquebrantável resistência e boa vontade com que levou a Casa São Saruê ao lugar de prestígio que conquistara. Era tempo de legar a história e o acervo, deixar em mãos e instituição capazes não só de proteger a instituição como também de levar sua história ao futuro.

MEMÓRIA BRASILEIRA:
SAPS — BUMBA-MEU-BOI NA PRAÇA DA BANDEIRA

Cada sábado, no amplo salão de certo Restaurante Popular, na sede do antigo SAPS (Serviço de Alimentação da Previdência Social), na praça da Bandeira, empreendíamos pontualmente reuniões que atraíam mais de três mil pessoas interessadas, vibrantes, sensíveis. E dávamos-lhes cinema ou teatro, este sempre feito, na sua maior parte, com elementos retirados à própria massa dos frequentadores ou dos servidores do SAPS.

A experiência tornou-se tão extraordinariamente animadora que para o São João decidimos tentar a representação do auto folclórico do Bumba-Meu-Boi, na versão do Baixo Amazonas.

Na noite de São João, no parque do Restaurante Popular do Leblon, que havia na rua Dias Ferreira, dançou, em sua primeira representação, o Bumba-Meu-Boi, do SAPS, perante uma multidão em que se confundiam trabalhadores, escritores, artistas, músicos, pintores, folcloristas. A competente fogueira ardia ao lado. Também não faltava a ornamentação típica dos arraiais de São João nem foi esquecida a reconstituição da culinária regional, através de um lanche de canjica, pé-de-

moleque, rolete de cana, mungunzá, caldo de cana, cuscuz de tapioca.

Tudo obra exclusiva de gente do SAPS, não só os quitutes, como seria rua natural obrigação, mas tudo o mais.

A organização do Bumba-Meu-Boi, Boi-Bumbá, na versão Amazônica, foi feita pelo folclorista amazónico que se chamava Francisco Manuel. Brandão, o qual ocupava a função de chefe de Gabinete do Diretor. E tratava-se na verdade de um autêntico homem da Amazônia que não conhecia o Boi-Bumbá de oitiva. Conhecia-o, ao contrário, de- vivê-lo em muitas representações do seu tempo de adolescente nos folguedos das noites de festa no seu rincão natal. Por isso mesmo pôde ele mesmo reconstituir de memória todas as cantigas, todos os versos, todas as faias. Foi ele ainda pessoalmente quem ensinou o papel de cada um e cada um nos ensaios. Foi ele também quem orientou a preparação da indumentária de 'todas as figuras e, completando a obra, afinou o conjunto.

Em torno de Francisco Manuel Brandão reuniram-se, fraternalmente, para essa representação, servidores das mais variadas categorias desde altos funcionários administrativos até estivadores e auxiliares dos serviços de copa e cozinha dos Restaurantes Populares da Instituição.

Só essa circunstância era de encher as medidas. Mas o que era sobretudo desejável era que o Bumba-Meu-Boi enchesse as medidas de todos es que fossem aprecia-lo, e isso aconteceu, a julgar pelos aplausos que alcançou, pelos generosos louvores que mereceu dos entendidos. Por exemplo, Paschoal Carlos Magno cancelou importantes compromissos para ir ao Leblon naquela noite de São João, e soltou o melhor elogio, quando sugeriu que ressuscitássemos também as Pastorinhas. Ora, o Paschoal apenas adivinhava o nosso pensamento, pois o Pastoril ou Lapinha, como se diz em certas áreas do Norte, já estava assentado para o Natal, dentro da orientação que adotáramos de associar sempre os empreendimentos educativos do SAPS às boas tradições populares brasileiras.

E assim aconteceu. Oh! inesquecíveis Pastorinhas das moças que trabalhavam nos Restaurantes SAPS! Numerosas eram

provenientes do Nordeste, o que significava o conhecimento direto e até a vivência de memoráveis Pastoris.

Mas compete, por fim, uma referência histórica: à frente de todos esses empreendimentos culturais daquele SAPS das alturas de 45 e 50, quando esteve voltado para o aproveitamento dos valores folclóricos, havia um nome muito nosso conhecido da crônica política de hoje: nada menos que Villas-Boas Corrêa. Ele era, à época, um garotão recém introduzido nos quadros do SAPS através do competente concurso.

Funcionava, na Divisão de Educação e Divulgação, a cuja nova orientação se consagrou com gosto e eficiência iguais. Esteve à frente de tudo o que se fez então: Bumba-Meu-Boi, Pastorinhas, teatro. Mangas arregaçadas providenciava pessoal, ensaios, cenários, iluminação, som. Villas-Boas Corrêa!

Pois é, foi esse Villas-Boas que tanto veio a subir no jornalismo, para se tornar a autoridade maior na crônica política, produzindo matéria que tanto vale pelo valor dos conceitos como pela carga de conteúdo histórico.

Seja como for, registre-se a presença do garotão Villas-Boas Corrêa na década de 40 fazendo espetáculos culturais para trabalhadores.

Mas tudo isso foram experiências ricas de grato significado social das quais restou apenas a memória.

Algum tempo depois, no período dos governos militares, o SAPS seria extinto, por iniciativa do ilustre Ministro Jarbas Passarinho, a quem, entretanto, alertamos na ocasião sobre a verdadeira maldade dessa providência. Foi ele objetivamente informado de que seu ato importaria em suprimir um serviço único nos préstimos de ordem social: a alimentação dos trabalhadores. E se quiserem, também a sua alegria.

O Ministro não quis saber, extinguiu o Serviço Social mais atuante com que já foi servido o trabalhador brasileiro.

Resta a memória daquele Bumba-Meu-Boi e das Pastorinhas".

Este último tópico (os dois últimos parágrafos), guardam um tanto de amargura e rancor. Umberto Peregrino era militar de carreira alcançando o posto de General. O "ilustre" Ministro Jarbas Passarinho (vê-se que Peregrino não renega o ritual da estrutura republicana) era também militar, reformado no posto de Coronel. A história está cheia de militares inferiores indisciplinados que se rebelam contra superiores.

Tentar romper a hierarquia é coisa antiga: revolta dos marinheiros, rebelião de sargentos, revolução tenentista, o Cabo Anselmo, etc. Naquele momento, o General viu seus sonhos e ideais de honestidade destruídos por um Coronel da Reserva que debandou para a política. Se tem uma coisa que militar honesto odeia com toda alma é o político corrupto. Qual será o sentimento que terá o militar do ex-colega que debanda para a política? Por ironia, agora, em pleno ano 2020, o Brasil tem um ex-Capitão na Presidência da República cercado de Generais, que lhe devem obediência...

Por isso o artigo é encerrado de forma singela: *"Resta a memória daquele* ***Bumba-meu-boi*** *e das* ***Pastorinhas****"*

Ainda no mesmo Boletim, em outra nota Umberto Peregrino esclarece:

PORQUE O NOME SÃO SARUÊ

"A denominação teve inspiração num folheto de cordel Viagem a São Saruê, de autoria do poeta paraibano Manoel Camilo dos Santos (1905-1987). O poeta imaginou e descreve um país maravilhoso, de gente boa e feliz. E

O povo em São Saruê
Tudo tem felicidade
Passa bem anda decente
Não há contrariedade
Não precisa trabalhar
E tem dinheiro a vontade

E quando à terra nem é bom falar:

Lá eu vi rios de leite
Barreiras de carne assada
Lagoas de mel de abelha
Atoleiros de coalhada
Açudes de vinhos do porto
Montes de carne guisada.

Vai por aí o poeta descrevendo o país de São Saruê e daí ter sido adotado o nome, na esperança de que a nossa Casa de Cultura possa vir a ser assim, um mundo repleto de valores como aqueles, belos e queridos.

Eu não conhecia o poeta Manoel Camilo dos Santos senão nos versos. Então fui a Campina Grande especialmente para vê-lo. Encontrei um poeta vivo e ativo, embora o físico alquebrado.

A casa era pobre de dar pena. Entretanto, casa de autor de poesias numerosas e consagradas.

No passado teve atuação. Chegou a possuir uma gráfica em Guarabira (Paraíba).

Mas como a nossa presença e a notícia do título da sua poesia, posto em evidência, lhe deu felicidade!

Daí por diante ficamos amigos. Não deixava de escrever-me assiduamente. E até, certo dia, enviou-me de presente o seu relógio de pulso e a caneta-tinteiro com a qual escreveu o folheto Viagem a São Saruê.

Manoel Camilo dos Santos, meu poeta, meu amigo, você habita a São Saruê que aqui instalamos sob a sua inspiração.

iniciei a viagem
às quatro da madrugada

Quando Umberto Peregrino e Dona Yris resolveram criar a Casa de Cultura São Saruê certamente tinham em mente fazê-lo com a imprescindível – mas informal – concordância do poeta Manuel Camilo dos Santos, autor do famoso folheto

“Viagem a São Saruê”. Seria tipo uma “autorização”, um apadrinhamento, assim pensavam. O poeta nessa época morava em Campina Grande, Paraíba, terra do amigo e companheiro de artes, Horácio de Almeida. No entanto, tanto devido aos muitos compromissos e com a saúde já em declínio, seria muito difícil Manuel Camilo dos Santos se deslocar até o Rio de Janeiro.

Peregrino não teve dúvidas: cancelou compromissos, passou borracha e apagou em algumas datas festivas anotadas na agenda, delegou competência para Dona Yris representa-lo, arrumou o matulão e partiu para Campina Grande. Lá, esperava-o de braços abertos o poeta e escritor Átila de Almeida – filho de Horácio – que despontava nos estudos universitários. Entre o grupo que foi recepcionar Umberto Peregrino estava o poeta popular José Alves Sobrinho, coautor, com o Professor Átila de Almeida do famoso “Dicionário biobibliográfico de repentistas e poetas de bancada”, obra que consagrou e elevou a poesia popular e a Literatura de Cordel.

Após as festanças que trouxeram a presença de Umberto Peregrino a Campina Grande, depois da declaração formal a Manuel Camilo dos Santos da criação da Casa de Cultura São Saruê, era tempo de voltar. O poeta de São Saruê ficou agradecido e comovido, mas a sua saúde estava a pendular, precária, os achaques iam e vinham, a idade não ajudava na plena recuperação. Houve hora que confessou a Umberto Peregrino o desejo de voltar à terra natal, Guarabira. Mas foi em Campina Grande que o poeta de São Saruê terminou seus dias.

Como agradecimento Manuel Camilo dos Santos escreveu um folheto sobre a Casa de Cultura São Saruê:

Uma grande festa em sonho
na Casa de São Saruê

No dia nove de junho
É o meu aniversário
Nesse dia tive um sonho
O qual acho necessário
Contar ou esclarecer

Para o mundo conhecer
Um sonho extraordinário.

Sonhei que estava no Rio
Para onde me chamou
Nosso general Umberto
Peregrino, que fundou
Uma casa e como vê
O nome São Saruê
Na dita Casa Botou.

E então daquela casa
Eu ia ser o patrono
Lá estava o meu retrato
Na sala num subtrono
Logo assim que foi chegado
Fui por todos apresentado
Pelo general seu dono.

La estavam reunidos
Dezessete marechais
Dezessete brigadeiros
Dezessete generais
Dezessete almirantes
Dezessete comandantes
Dezessete oficiais.

Dezessete cabos de guerra
Dezessete aviadores
Dezessete deputados
Dezessete senadores
Dezessete bacharéis
Dezessete coronéis
Dezessete governadores.

Dezessete Jornalistas
Dezessete estafetas
Dezessete professores
Dezessete bons poetas
Dezessete cantadores
Dezessete oradores
As salas estavam repletas.

E iluminando as salas
Dezessete minaretes
Dezessete auditórios
Dezessete gabinetes
Dezessete as bancadas
Todas elas preparadas
Pra dezessete banquetes.

O General Peregrino
Foi quem abriu a sessão
Passando logo a palavra
Ao Chefe da Nação
Este com sabedoria
Exaltou a poesia
Causando admiração.

Dr. Atila de Almeida
Também estava presente
Dr. Orígenes Lessa
E o grande eminente
Ariano Suassuna
Foi quem subiu à tribuna
Ao descer o Presidente.

Ariano falou tanto
Como nunca se viu assim
Somente em São Saruê
País criado por mim
Terminando a locução
Houve uma ovação
Que quase não tinha fim.

Dr. Liêdo Maranhão
Fez um discurso profundo
Somente em poesia
Com seu talento fecundo
Terminou esclarecendo
Que São Saruê está sendo
A maravilha do mundo.

O Dr. Orígenes Lessa

Quando a tribuna assumiu
Fez o discurso melhor
Que este mundo já viu
Exaltando a poesia
Isto com tanta euforia
Que todo mundo sorriu.

Assim houve dezessete
Oradores talentosos
Dez foram dez generais
Entre todos os mais famosos
Do começo até o fim
Todos exaltaram a mim
Com os termos mais honrosos.

Exaltaram a mim porque
Além da inauguração
Da Casa de São Saruê
Este nome foi eu, então,
Que o criou, sem enganos,
E está com trinta anos
De sua circulação.

O General Peregrino
Aquela alta figura
Falou mais de uma hora
Somente em literatura
No seu discurso explicou
Porque foi que ele criou
Sua Casa de Cultura.

E o nome São Saruê
Porque foi que ele deu
A sua belíssima casa
Disse que foi porque leu
Um folheto de renome
Que tinha este mesmo nome
E cujo folheto é meu.

Deu este nome porque
Achou que eu merecia
Uma homenagem porque

Fiz aquela poesia.

De são Saruê escrevi
Sua originalidade
Da qual criei este título
Pra minha propriedade,
O começo da viagem
Pela brisa e aragem
Dando continuidade.

Escrevi o panorama
Que se avista defronte
Onde aquela linda jovem
Se banhava ali na fonte
E terminei a imagem
Daquela linda paisagem
Desde o vale ao horizonte.

O poeta João José
Fez um belíssimo enredo
Das cousas que avistei
Entre montanha e rochedo
Desde quando o novo sol
Surgindo no arrebol
Bordava o alto penedo.

E em terceiro lugar
Foi Rodolfo Cavalcante
Este descreveu a aurora
E o dia em seu levante
Descreveu também da noite
O mistério e o pernoite
Fez um trabalho importante.

O surgir da nova aurora
Manoel Almeida escreveu
E aquela praia bonita
Tudo ele esclareceu.
Que circula há trintanos
Sem sofisma e sem enganos
A melhor de hoje em dia.

E assim de São Saruê
Fez o discurso mais lindo
De suas palavras parece
Que a gente via caindo
Pétalas de rosas odoríferas
Deixando quase soníferas
As pessoas ali ouvindo.

Aos dezessete poetas
O General disse assim:
-Vão para aquela bancada
Todos escrever em fim
Só sobre São Saruê
De vocês eu quero vê
Quem escreve melhor pra mim.

Os dezessete poetas
Eram eu e João José
Rodolfo e Manoel Almeida
E Zé Soares que é
O poeta do "reporte"
E Zé Sobrinho um forte
Poeta de fama e fé.

Delarme, Borges e Sezário
Do solo pernambucano
Gerson e Antônio Lucena
A Mulatinha e Caetano
Costa Leite e M. Tomaz
E outros que não sei mais
Do solo paraibano.

A cidade onde cheguei
E o povo que avistei
Tudo ele descreveu.

Zé Costa Leite fez uma
Descrição das de primeira
Descreveu rio é lago
Com atoleiro e barreira
Nunca vi tanta memória
Findou dizendo: - Esta historia

É a Única verdadeira.

E assim todos os poetas
Cumpriram com seu dever
A pedido do General
Que pediu para escrever
Somente sobre o poema
São Saruê foi o tema
E todos souberam fazer.

Também sonhei que eu dava
Ao General de presente
Minha caneta "Piloto"
Com a qual antigamente
Escrevi São Saruê
E a mesma como se vê
Inda possuo finalmente.

E de fato esta caneta
Ainda tenho guardada
E foi com que escrevi
Essa história tão falada
Comprei em quarenta e sete
Na haste dela reflete
A minha firma gravada.

E entregando a caneta
Ao General, estou lembrado
Este logo a recebeu
Alegre e regozijado
E com a mesma na mão
Falou para a multidão
Num discurso improvisado.

O discurso referia-se
Sobre minha poesia
E também sobre a caneta
O estímulo que merecia
E quase da cor de brasa
Falava sobre uma casa
Para minha moradia.

E depois o bom General
Com todos seus companheiros
Me entregavam dezessete
Cheques de dez mil cruzeiros
Para uma casa eu haver
Sem precisar ·de vender
Meus direitos "autoreiros”.

M-eu Deus, se fosse verdade
C-omo sonhei sucedesse
A-quele sonho tão bom
M-ilagroso acontecesse,
I-mpossível não será
L-ogo que por mim está
O-que muita fé merece.

Campina Grande, 1978.

Como se percebe, Manuel Camilo dos Santos, já pobre e doente, jogava todas as suas fichas na autoria no famoso folheto, para conseguir reconhecimento, fama e... dinheiro. Os dois primeiros, conseguiu, quanto a ser remunerado isso é outra história. Todo mérito teve o poeta em lançar na década de 1950 o famoso folheto que conta as maravilhas de uma cidade milagrosa. O realismo fantástico estava em pleno florescimento, mas há de se convir que histórias assim não nascem do dia para a noite.

uma barra de ouro puro servindo de placa eu vi

Existem dezenas de estudos, análises, críticas, ensaios e comentários, esmiuçando o mundo contido no pequeno folheto de Manuel Camilo dos Santos "Viagem a São Saruê." É mesmo um folhetinho, pequeno de tamanho, mas suficientemente vigoroso e consagrador a ponto de destacar o poeta paraibano de seus contemporâneos. Ao invés de sair a campo queimando pestana em busca de tais estudos, na procura de alguma luz que ilumine esse misterioso encantamento que possui o folheto, optei por uma penetração no próprio território de São Saruê e eis-me tal Alice no país das maravilhas ou Fernão de

Magalhães em busca da passagem secreta entre o Oceano Atlântico e o Pacífico.

A verdade que ninguém pode impunemente conhecer a história de São Saruê tal como Manuel Camilo dos Santos narrou e sair ileso da aventura que é descobrir, percorrer e se deslumbrar com a cidade mágica e encantada. O folheto maravilhou a néscios e intelectuais, tanta é a força criadora da imaginação semeada nas pequenas páginas do livrinho. Mas, segundo o próprio poeta, este não é o seu melhor romance. Ou não era... Mas o poema caiu de tal maneira no gosto dos leitores – mais ainda – no gosto dos eruditos que se deleitam com a poesia de cordel, que acabou por celebrizar o autor, notabilizando-o pelas dezenas de outros folhetos de sua autoria, de igual qualidade, mas que passaram despercebidos.

Manuel Camilo dos Santos, nascido no dia 9/07/1905 em Guarabira (PB), aos 24 anos foi morar em João Pessoa, onde vivia da profissão de cantador de viola. Na década de 1940 começou a escrever e vender seus folhetos. Depois foi para Campina Grande-PB, onde montou a famosa folhetaria "Estrela da Poesia", com a qual se fixou na Literatura de Cordel. É este o retrato do autor do romance "Viagem a São Saruê", cuja influência mais notória foi a leitura de "Uma viagem ao céu", de Leandro Gomes de Barros.

Além da sua obra, Manuel Camilo dos Santos foi editor de João Melchíades Ferreira (de quem adquiriu todas as obras) e lançou novos nomes como Manuel Pereira Sobrinho, Cícero Vieira da Silva "Mocó" e Manuel Monteiro, entre outros. Manuel Camilo dos Santos faleceu no Rio de Janeiro, no dia 9/04/1987, entes de completar 82 anos. Após sua morte o escritor e pesquisador Umberto Peregrino, amigo e admirador, criou no bairro de Santa Teresa a "Casa de São Saruê", destinada a aglutinar todo o acervo da Literatura de Cordel no Rio de Janeiro. A casa também servia de pousada: poetas, violeiros, cantadores que chegavam ao Rio de Janeiro tinham ali um quarto, um lar, com todo conforto. O local e o acervo foram posteriormente transferidos para o poeta Gonçalo Ferreira da Silva, que assim pôde realizar o seu sonho maior que era criar a Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

Ali não existe pobre
é tudo rico em geral.

Apesar de ter certa raiz folclórica, o Reino de São Saruê não encontra registro em nenhum compêndio conhecido, como entidade fantástica. É São Saruê uma das muitas cidades maravilhadas produzidas pelos cérebros doa poetas da Literatura de Cordel, onde tudo ocorre por força de encantamentos e milagres. É ela a mesmíssima Eldorado dos antigos desbravadores, o Reino das Amazonas onde tudo é de ouro, a Terra das Esmeraldas pela qual a espada dos bandeirantes dizimou tribos inteiras e é também o País das Maravilhas de Lewis Carroll e Alice, o Reino Encantado de Oz, quiçá a própria terra prometida dos judeus errantes.

Alguns calepinos registram em geral a expressão Saruê como sinônimo de sarará. No Nordeste é também a "espiga de milho que nasce com poucos grãos". Saruê, Sarigueia ou Sariguê é o marsupial, conhecido por alguns por Mucura e por outros – erroneamente, a meu ver – por Gambá. Saruê é também a "dança em que se misturam figuras da quadrilha francesa com passos de danças sertanejas e na qual a marcação é feita num misto de francês estropiado e de português". A expressão, dizem, é corriqueira no centro-oeste ali por Goiás, Mato Grosso e adjacências. Particularmente tenho assistido desde a infância as representações juninas, que culminam com o casamento dos noivos durante as festas, sempre sendo chamada de quadrilha.

E para encerrar esta digressão conto que nas leituras ainda descobri que algumas lendas indígenas citam Saruã como uma coisa ou um lugar encantado, misterioso, aonde em tudo que ocorre e descreve não se acha explicação racional. Esta é decerto a ideia mais aproximada da fantasia criada e elaborada com esmero por Manuel Camilo dos Santos.

No livro "Minha Gente (Costumes de Sergipe)" de Clodomir Silva (Paulo, Pongetti & Cª.1926), pequeno volume temas folclóricos, deparei com alguns versos ditos pela boca de cantadores em desafio – um se acompanhando da tradicional viola e o outro com um cavaquinho, pasmem! – Versos esses

que tomam mais remota localização da mágica cidade em que Manuel Camilo bebeu o vinho celestial da fantasia:

"Na terra de Som Saruê
tem coisa de admirá:
muié corta de machado,
deixa os cambito virá;
amunta nos pordo brabo,
é quem dá sarto mortá;
e cond'as muié dá lúiz,
os home dá de mamá..."

Portanto, a fama de lugar onde coisas maravilhosas acontecem já vem de longe. O próprio Manuel Camilo dos Santos confirma isso no princípio da sua história:

"Eu que desde pequenino
sempre ouvia falar
neste tal São Saruê".

Mostrando, assim, que as origens do mito de São Saruê – a Eldorado do cordelista – é mais longínqua do que se pensa. No volume anteriormente citado, do qual não encontrei qualquer outra referência literária, nem do livro nem do autor, Clodomir Silva registrou também a resposta à oitava cantada pelo desafiante, sendo que esta foi recitada em sextilha, que é uma forma mais aproximada do cordel:

"Na terra de Som Saruê
é onde véve meus vizinho,
creando cabra de leite
pra sustenta bacurinho;
é bem nas unha dos gato
adonde os rato faiz ninho."

Pelo que se viu, a impressão que fica é que sob o mote "Na terra de Som Saruê / Tem coisa de adimirá" muita fartura de rima pode correr pela imaginação dos poetas, ao som das violas, do pandeiro e do cavaquinho. É um filão nobre pra cantador nenhum botar defeito. A princípio estava eu mais propenso a considerar o desafio registrado como fruto da imaginação do autor de "Minha Gente", principalmente achar

fantasioso o fato de cantadores se acompanharem com cavaquinho, instrumento jamais visto em cantoria. A confiança numa "explicação introdutória" do autor, no entanto, me fez ter fé nas informações ali contidas. Diz a nota: "O que se escreve aqui é fruto de observação. Pode ser defeituoso, mas é verdadeiro. Representa um contingente para a compilação dos modismos de Sergipe ainda poucos conhecidos e muitos descuidados."

Lendo o livro "Eu Conheci Sesyom", do biógrafo e grande glosador caicoense, Francisco Amorim, reforça a ideia que o cavaquinho já teve sua época como acompanhante de cantadores:

Mote:
Júlio, Rodolfo e Macrino
São necessários na farra.
Glosa:
Quando a tarde toca o sino
Chamando para a novena
Aparecem logo em cena
Júlio, Rodolfo e Macrino
Não sei dos três o mais fino
No cavaquinho e guitarra
Digo mais, não é fanfarra
Contando ali réis por réis
Sou franco, os três menestréis
São necessários na farra."

Mais adiante, voltando ao Clodomir Silva, em seu livro reclama que “nada se tem recopilado em Sergipe, depois de Sylvio Romero, o maior de todos, no culto a nosso berço e a seus costumes”. Portanto, nada mais justo que pôr fé nos informes prestados no livro "Minha Gente", segundo as quais, terminada a faina diária, o pessoal se reunia no terreiro varrido de novo, "espantando, ao som do cavaquinho e da viola, as canseiras de um dia de labor".

Manuel Camilo dos Santos engrossa a fileira de famosos poetas paraibanos. Se suas raízes familiares não se esticaram pelo terreno sergipano, fonte dessas antigas referências sobre a cidade seus sonhos, é mais provável que o próprio Reino de

São Saruê, esse sim, se estenda autóctone e sem fronteiras por todo o território nordestino. A fundação de cidades e lugares absurdos e comuns na de cordel. Leandro Games de Barros (nunca é demais citá-lo), um exemplo desse local só na imaginação dos poetas:

"Na cidade da Caipora
Perto de Tabua Lascada,
Município da Rabugem,
Freguesia de São Nada,
Rua de Não Sei Se Há,
Esquina da Sorte Minguada."

Nesse local de difícil localização é que mora, numa vila mais longínqua ainda...

"O visconde Cururu
Barão de Cuia Quebrada,
Morava na Vila Nojenta,
Rua da Esfarrapada
Travessa do Lagadiço
Na casa número nada."

(Gosto com desgosto)

O pequeno grande folheto de Manuel Camilo dos Santos (31 sextilhas e duas décimas) tem o indiscutível mérito de colocar a fantasiosa região – São Saruê é mais que uma simples vila ou cidade, tem ares de nação – em definitivo no cume do folclore brasileiro, via Literatura de Cordel.

Aliás, recuássemos um pouco no espaço/tempo e São Saruê seria não um país, nem uma cidade, tampouco uma região e sim um Reino, um Império, aquele lugar maravilhoso de antigamente que fecundou nossa imaginação quando ouvíamos as histórias contadas debaixo de uma mangueira à luz das lamparinas. A São Saruê de Camilo é um país, é uma cidade, é uma nação. É moderna, com todos os requisitos dos séculos futuros. Sua localização exata mais correta é a própria mente de cada leitor que folheia as 31 páginas do romance.

São Saruê vive na imaginação rica de quem sempre aspira um lugar assim para viver a vida tranquila que sonhou sempre – e não "*nas unha dos gato / adonde os rato faz ninho*", como no repente sergipano citado antes. Embora, admita-se, "*nas unha dos gato*" seja um lugar tão fantástico quanto qualquer outro, capaz de caber outra São Saruê inteirinha por entre os becos e vielas...

A viagem de Manuel Camilo dos Santos é também dos seus leitores – inicia-se em obediência a uma ordem expressa do "Doutor mestre pensamento", que afinal tomar realizado o sonho do menino que um dia ouviu falar na estranhíssima terra:

"Camilo vá visitar
o país São Saruê
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê."

Mas São Saruê é mesmo um país imaginário ou fantasmagórico? Nem tanto, a terra existe, a cidade é real, igual a tudo que "neste mundo se vê". E tudo aquilo que se vê não é fruto da imaginação, a não ser as miragens desérticas que iludem o viajante solitário. E ainda mais, antes mesmo aportar em terra tão fabulosa, coisas estranhíssimas começam a perturbar a viagem:

"Iniciei a viagem
as quatro da madrugada
tomei o carro da brisa
passei pela alvorada
junto do quebrar da barra
eu vi a aurora abismada.

"Pela aragem matutina
eu avistei bem defronte
a irmã da linda aurora
que se banhava na fonte
já o sol vinha espargindo
no além do horizonte.

"Surgiu o dia risonho

na primavera imponente
as horas passavam lentas
o espaço incandescente
transformava a brisa mansa
em um mormaço dolente.

"Passei do carro da brisa
para o carro do mormaço
o qual veloz penetrou
no além do grande espaço
nos confins do horizonte
senti do dia o cansaço."

O que mais impressiona na mágica viagem que se inicia (e depois na própria cidade folclórica de São Saruê) são os interregnos poéticos, dignos de poetas mais tradicionais, desde Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista. Para o poeta popular a aventura do lirismo é muito perigosa porque exige uma alta dose de talento, conhecimento e rigor, para evitar a repetição e o vácuo piegas que costumam transformar em ridículo uma criação poética. Manuel Camilo dos Santos, porém, se sai de forma excelente das inúmeras dificuldades que o texto cria a cada nova estrofe:

"Enquanto a tarde caía
em mistérios e segredos
a viração docilmente
afagava os arvoredos
os últimos raios de sol
bordavam os altos penedos.

"Morreu a tarde e a noite
assumiu sua chefia
deixei o mormaço e passei
pro carro da neve fria
vi os mistérios da noite
esperando pelo dia.

"Ao surgir da nova aurora
senti o carro pairar
olhei e vi uma praia
sublime de encantar

o mar revolto banhando
as dunas da beira mar."

Superado esse "trânsito" tumultuoso, cheio de surpresas, eivado de figuras assombrosas, promessa de um mundo desconhecido, eis que surge à vista a cidade de São Saruê, igualmente fantástica, faiscante, luminosa:

"Avistei uma cidade
como nunca vi igual
toda coberta de ouro
e forrada de cristal
ali não existia pobre
é tudo rico geral.

"Uma barra de ouro puro
servindo de placa eu vi
com as letras de brilhante
chegando mais perto eu li
dizia: – São Saruê
é este lugar aqui".

Os metais preciosos, as pedras de quilates insuspeitados, sempre tiveram a preferência dos humildes, para demonstrar e simbolizar a riqueza quase nunca alcançada. A São Saruê, cintilante e extraordinária, confirma essa tendência. O brilho da prata, a faísca do diamante, a cintilação da pedraria, o colorido das esmeraldas, o rútilo faiscante dos metais, tudo deixa o visitante de boca aberta:

"Quando avistei o povo
fiquei de tudo abismado
uma gente alegre e forte
um povo civilizado
bom, tratável e benfazejo,
por todos fui abraçado.

A preocupação com as igualdades sociais começa a ser ressaltada pelo poeta. O povo, absolvido da visão miserável da região nordestina, aqui é "bom, tratável e benfazejo"... No fundo, no fundo, trata-se confessar uma esperança e um desejo de que as coisas mudem para melhor, de que o irreal

prevaleça sobre a realidade constante e aterradora do sertão. Uma vontade de saber, um desejo comum, um reconhecimento de que a terra poderia ser outra bem melhor...

"O povo em São Saruê
tudo tem felicidade
passa bem anda decente
não há contrariedade
não precisa trabalhar
e tem dinheiro à vontade.

"Lá os tijolos das casas
são de cristal e marfim
as portas barras de prata
fechaduras de "rubim"
as telhas folhas de ouro
e o piso de cetim."

Da mesma forma que o poeta deseja o bem-estar da população, almeja-lhe fartura, saúde, boa alimentação, de preferência a custo nenhum. Para tanto, é necessário que a própria cidade, com sua natureza fértil provenha a população de modo natural. Não é de surpreender, pois, que nada seja vendido ou comercializado ou objeto de transação comercial e financeira. Em São Saruê tem de tudo para todos, tão gratuitamente quanto a natureza oferece.

"Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
montes de carne guisada.

"As pedras em São Saruê
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
tudo assim por diante
existe grande fartura.

"Feijão lá nasce no mato

maduro e já cozinhado
o arroz nasce nas várzeas
já prontinho e despolpado
peru nasce de escova
sem comer vive cevado.

"Galinha põe todo dia
invés de ovos é capão
o trigo invés de sementes
bota cachadas de pão
manteiga lá cai des nuvens
fazendo ruma no chão.

"Lá os pés de casimira
brim, borracha e tropical
de nycron, belga e linho
e o famoso diagonal
já bota as roupas prontas
próprias para o pessoal.

"Os pés de chapéus de massa
são tão grandes e carregados
os de sapatos da moda
tem cada cachos "aloprados"
os pés de meias de seda
chega vive "escangalhado".

O mais admirável de tudo é que, embora o país de São Saruê ofereça ao cidadão tudo de bom, todo o necessário para a sua sobrevivência, também não falta ali o "vil metal". Para quê? Lá se sabe!... Talvez para que o fascínio que provoca o dinheiro se mantenha vivo entre a gente mais pobre. Talvez para um caso de rara necessidade... mas seja para qual necessidade for, a verdade é que dinheiro jamais falta ali, tem em abundância.

"Sítios de pés de dinheiro
que faz chamar atenção
os cachos de notas grandes
chega arrastam pelo chão
as moitas de prata e ouro
são mesmo que algodão.

"Os pés de notas de mil
carrega chega encapota
pode tirar-se a vontade
quanto mais tira mais bota
além dos cachos que tem
casca e folha tudo é nota."

"Os peixes lá são tão mansos
com o povo acostumados
saem do mar vem pras casas
são grandes, gordos e cevados
e só pegar e comer
pois todos vivem guisados."

Sendo tudo fruto de encantamento, em São Saruê a fome e as doenças foram extirpadas. A vida lá realça o prazer sem trabalho. Um verdadeiro país de diversão, alegria, felicidade e lazer.

"Maniva lá não se planta
nasce e invés de mandioca
bota cachos de beiju
e palmas de tapioca
milho a espiga e pamonha
e o pendão é pipoca.

"As canas em São Saruê
não tem bagaço (é gozado)
umas são canos de mel
outras açúcar refinado
as folhas são cinturão
de pelica e bem cromado."

A cidade cresce aos olhos dos leitores em tamanho e prodígio. Para fins de localização note-se que lá existe uma culinária bem brasileira, bem nordestina. Não obstante São Saruê pertence a uma região que acompanha o progresso, os ditames da moda advindos das metrópoles mais avançadas do mundo. Se em São Saruê não existem privilégios, também não há esquecidos. Tudo do bom e do melhor que a vida oferece é para todos e não só para uns poucos como a razão capitalista

estabelece e faz sentir. Dona de uma população perene, São Saruê também vê seus filhos nascerem e deles não se descuida. E quando a velhice chega, não tem problema: é só dar um mergulho no Rio da Mocidade e o octogenário cidadão de repente volta à sua mocidade, fica novinho em folha!

"Lá quando nasce um menino
não dá trabalho a criar
já é falante e já sabe
ler, escrever e contar
salta, corre, canta e faz
tudo quanto se mandar.

"Lá não se vê mulher feia
e toda moça é formosa
bem educada e decente
bem trajada e amistosa
é qual um jardim de fadas
repleto de cravo e rasa.

"Lá tem um rio chamado
O banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho a vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.

O visitante foi bem tratado nos muitos dias que ali passou, gozando "prazer, saúde, alegrias". Sua única ocupação era recitar poemas.

"Lá existe tudo quanto é de beleza
tudo quantoé bom, belo e bonito,
parece um lugar Santo e bendito
ou um jardim da divina Natureza:
imita muito hem pela grandeza
a terra da antiga promissão
para onde Moises e Aarão
conduziam o povo de Israel,
onde dizem que corriam leite e mel
e caía manjar do céu no chão.

“Tudo lá é festa e harmonia,
amor, paz, benquerer, felicidade,
descanso, sossego e amizade
prazer, tranquilidade e alegria;
na véspera de eu sair naquele dia
um discurso poético, lá eu fiz,
me deram a mandado de um juiz
um anel de brilhante e de "rubim"
no qual um letreiro diz assim:
– é feliz quem visita este país."

Depois de apresentada ao resto do mundo com tantos elementos maravilhadores, a terra de São Saruê se transformou num mundo turístico para muitos brasileiros ilustres. Inumeráveis são as laudas escritas enaltecendo o lugar e seu fundador. Muitas são as versões havidas das inspirações provocadas pela poética de Manuel Camilo dos Santos. Contam já centenas de outros reinos encantados, tão encantadores quanto São Saruê, filhos dos reinos mágicos de outrora.

Países de identidade virtualmente oposta à dos mundos fantásticos da ficção científica, reverso mesmo das terras espaciais frequentadas por um Flash Gordon, e outros heróis futuristas, mas tão intensamente prodigioso quanto elas. Muitos novos reinos serão ainda descritos, desta vez serão saruês com naves estelares, videofones intergalácticos, outros sois, outras luas. Tudo que a nova tecnologia atualizou e mais a internet com seus espaços virtuais. Mas, por enquanto, aqui por nossa terra poética, só existe uma São Saruê.

Convém visitá-la logo, antes que acabe...

"Vou terminar avisando
a qualquer um amiguinho
que quiser ir para lá
posso ensinar o caminho
porem só ensino a quem
me comprar um folhetinho."

Tudo lá é festa e harmonia
amor, paz, benquerer, felicidade

Manuel Camilo viveu um sonho, mas era casado com a realidade nua e crua: segundo depoimento do mesmo Umberto Peregrino, o poeta morreu doente e pobre lá mesmo em Campina Grande, terra que escolheu para ser o seu reino particular de São Saruê. A tristeza recorrente que a vida do nordestino traz, vez ou outra era recompensada com a alegria de ver, cada vez mais frequente, o seu folhetinho ser glorificado, transformado em peça de teatro, cantado em verso e prosa, virar filme e caminhar conhecido pelas ruas e vielas de todo o mundo, como tema de estudos nas universidades estrangeiras.

Quando Manoel Camilo dos Santos morreu a Casa São Saruê convocou de imediato os poetas que atuavam no Rio de Janeiro para um folheto em tom de réquiem. Os poetas, solidários, acudiram na hora, cada qual registrando na sua versão os sentimentos e as perdas que adviriam com a morte do pranteado poeta paraibano. O próprio Umberto Peregrino fez uma breve introdução ao folheto, expressando seu sentimento pela morte do poeta:

"Manoel Camilo dos Santos foi dos mais altos valores da Poesia de Cordel. Produziu numerosa bagagem de folhetos, mais de 150 títulos, entre os quais se inclui "Viagem a São Saruê". Este é um clássico da Literatura de Cordel, do qual existe uma edição especial, de grande formato, organizada e ilustrada pelo xilogravurista Ciro [Fernandes].

"Manoel Camilo, paraibano de Guarabira, vivia em Campina Grande, mas foi na sua terra natal que instalou uma impressora famosa "Estrela da Poesia" que ele integralmente consagrou à poesia. Era também xilógrafo.

"Embora idoso, doente e pobre, não cessava de produzir. Faleceu no dia 9 de abril último [1987]: Este folheto é uma homenagem do Centro de Literatura de Cordel da CASA DE CULTURA SÃO SARUÊ, em convênio com a Pró-Memória". UMBERTO PEREGRINO

AO POETA DE SÂO SARUÊ
Falecido em 9 de abril de 1987.

Apolônio Alves dos Santos:

Mais um poeta partiu
para o reino dos encantos
foi o mestre em poesia
Manoel Camilo dos Santos
o qual deixou seus leitores
e seus admiradores
vertendo saudosos prantos.

Manoel Camilo, foi um
dos poetas populares
que aos longes rincões
levou prazer para os lares
com as suas cantorias
— seus livros de poesias
e hoje restam os pesares.

No bairro Santa Teresa
temos a grande figura
do GENERAL PEREGRINO
com a Casa de Cultura
chamada São Saruê
deu este nome porque
ama a literatura.

Em homenagem ao folheto
o qual está na história
“Viagem a São Saruê"
que teve grande vitória
quando Camilo escreveu
e hoje está no Museu
pra coroar sua glória.

Cícero Vieira da Silva (Mocó):

Quem foi Manoel Camilo
bom Poeta Popular

fez a vida com cordel
sabia ler e contar
pois era quase profeta
se referindo a poeta
teve o primeiro lugar.

Os seus 82 anos
foram só de poesia
criou coisa nesta vida
que nem a vida não cria
considerado o poeta
de veia limpa e completa
dia e noite, noite e dia.

Como Poeta escritor
rompeu toda mocidade
e já não podendo mais
com o peso da idade
deu um suspiro profundo
se despedindo do mundo
partiu para a eternidade.

Adeus Poeta Camilo
eis a minha despedida
eu fico aqui solitário
chorando tua partida
ficas lá no teu Jazigo
que encontrarei contigo
no reino da outra vida.

Mario Luiz:

A morte em um segundo
baixa em qualquer setor
no lugar que ela vai
só deixa tristeza e dor
com sua foice assassina
ela fez uma chacina
em Camilo o escritor.

Mais uma vez Paraíba
no luto se envolveu

e todo seu pessoal
lamenta o que se deu
e grita jorrando prantos
Manoel Camilo dos Santos
em Campina Grande morreu.

Camilo saiu da terra
para ver os imortais
e lá fazer convivência
com São Pedro e São Tomás
em um sadio ambiente
a este mundo da gente
deu adeus pra nunca mais.

Poetas vamos orar
e pedir a nosso Deus
para perdoar Camilo
de todos pecados seus
e dar-lhe uma mansão
ao lado de São João,
São Lucas e São Mateus.

Gonçalo Ferreira da Silva:

Calou-se a lira suave
pura, fina, doce e terna
obedecendo ao chamado
de Deus que tudo governa
nosso querido Camilo
mergulhou calmo e tranquilo
na paz da morada eterna.

Tão sentimental e doce
foi a sua poesia
que sentia em sua alma
o que o nordeste sentia
com o nordeste cantava
e com o nordeste chorava
quando o nordeste sofria.

“Os que Souberam se Amar
do Calvário ao Infinito"

foi feito com tanto amor
com tal maestria escrito
que é entre os cristalinos
dos romances camilinos
certamente o mais bonito.

Poema como “Viagem
a São Saruê" e tantos
outros imortais trabalhos
que nós nem sabemos quantos
em verdade publicou
Poeta algum superou
Manoel Camilo dos Santos.

Expedito F. Silva:

A morte temos por certo
seu nome próprio é saudade
sua mãe é a solidão
seu pai se chama orfandade
sua irmã é a tristeza
seu irmão a incerteza
companheiro da maldade.

Há meses levou Rodolfo
grande poeta astuto
agora Manoel Camilo
deixou o cordel de luto
neste triste dia a dia
vai ficar a poesia
num silêncio absoluto.

Ela chegou de mansinho
com a seta da maldade
encontrou com o poeta
junto da cordelidade
furando com seu estilo
saiu com Manoel Camilo
com destino a eternidade.

Perdemos um grande astro
das mensagens cordelinas

viajava em pensamento
nas regiões cristalinas
as lindas notas sonoras
alegrando aquelas horas
nas varandas nordestinas.

Sá de João Pessoa:

Morreu Manuel Camilo
Só conhecia de nome
Viveu para a poesia
Ganhou fama e renome
Foi poeta e sonhador
Em seu meio um vencedor
Mas sofreu de dor e fome.

Deus não deixa sem amparo
Os poetas de cordel
Pois assim como as abelhas
Produzem do pólen o mel
O poeta não desanima
Acorda criando rima
E vai tudo pro papel.

Foi uma vida incansável
A vida desse artista
Gráfico, editor, autor,
Violeiro e repentista
De tudo fazia um pouco
Trabalhando como louco
Filmando, dando entrevista.

Ao ser assim produtivo
De todos merece preito.
É o que fazem os colegas
Com todo amor e respeito
Com versos de sua lavra
Poetas usam a palavra
Pra elevar o grande feito.

Camilo teve de noite
A grande premonição

Era o tempo de criança
A mãe pegava-o na mão
Mostrou a linda paisagem
Que mais parecia miragem:
– É a Terra da Promissão!

Depois de velho entendeu
A mensagem e o porquê:
A mãe mostrou ao poeta
Aquilo que ninguém vê
Pegou caneta e papel
E duma vez escreveu
Viagem a São Saruê.

Sepalo Campelo:

Manoel Camilo dos Santos
explorou tudo que viu
no mundo do pensamento
viajou, desceu, subiu...
conforme ainda se lê
e o país São Saruê
certo dia descobriu.

O Aiatolá Peregrino
(Cascudo foi quem falou)
no Rio, em Santa Teresa
uma casa edificou
para lembrar a beleza
desse país de grandeza
que Camilo visitou.

A sua lira poética
jamais parou de rimar
ainda quando a garganta
o proibiu de cantar
mas quando cantar podia
houve época em que se via
Camilo em qualquer lugar.

Por mais que agora se ande
Camilo já não se vê

nem mesmo em Campina Grande
e procurá-lo para quê?
se de novo viajou
com certeza retornou
ao país SÃO SARUÊ.

Miguel Bezerra – Cantador:

Com toda minha modéstia
e sentimentos imersos
peço a Deus um canto eterno
nos confins dos universos
pra alma de quem viveu
sonhou, pensou e morreu
deixando milhões de versos.

Foi quem escreveu diversos
sonhos de mágoas e prantos
espalhou nossa cultura
em quase todos os cantos
quem nome de santo teve
eu acho mesmo que deve
morar no meio dos santos.

Seus versos tiram quebrantos,
raiva e impressões nervosas
daqueles que leem sempre
seus romances, suas prosas,
no rol dos poetas bons
foi ele autor de milhões
de coisas maravilhosas.

No céu talvez entre glosas
Camilo encontre Marinho,
Manoel Galdino Bandeira,
Zé Gaspar e Canhotinho
e na frente do Pai Eterno
dê um abraço fraterno
em Manoel Chudú Sobrinho.

José João dos Santos, Azulão:

Faleceu Manoel Camilo
Poeta famoso e forte
Patriarca e baluarte
Da Paraíba do Norte
Quando o seu dia chegou
Pro outro mundo embarcou
No carro fúnebre da morte.

Seus livros são conhecidos
Por sertão brejo e agreste
E lidos no Brasil todo
De norte Sul Leste e Oeste
Por outros vates cantados
Porque ficaram gravados
Nas entranhas do Nordeste.

Lá no espaço infinito
Aonde ele está nos vê
Do seu mundo imaginário
País de São Saruê
Pra sua alma rezamos
A única coisa que damos
Em memória de você.

Camilo descanse em paz
Com Deus na eternidade
Aqui fostes dos poetas
Professor e majestade
A tua perda choramos
Porque na terra ficamos
Na dor cruel da saudade.

na véspera de sair naquele dia
um discurso poético, lá eu fiz

Enfim, o Presidente da Casa São Saruê nos últimos anos que viveu à frente da instituição trabalha para proteger a sua história e seu acervo, deixá-los em boas mãos. E o faz com a sabedoria de sempre: o acervo

pessoal próprio, que inclui também muito material do irmão mais velho e membro da Academia Brasileira de Letras, jornalista e escritor Peregrino Júnior, será deixado aos cuidados do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do qual Umberto Peregrino era membro efetivo. Ali ganhará espaço próprio que leva o nome de Umberto Peregrino.

Quase tudo que se referia ao Centro de Estudos de Literatura de Cordel – inclusive o espaço físico (o imóvel que guarda o acervo, o espaço para leitura, o pequeno auditório que servia às apresentações de poetas, violeiros e cantadores), foi doado à Academia Brasileira de Literatura de Cordel, recém-fundada pelo poeta Gonçalo Ferreira da Silva. Como sempre, Umberto Peregrino pessoalmente tomou todas as cautelas para que a transferência se tornasse legal e definitiva. O fato mereceu uma Sessão Especial promovida pela ABLC na qual a doação se efetivou com registro em ata.

Uma Assembleia Extraordinária da ABLC, realizada na sede improvisada que era cedida pela Casa do Ceará, teve a participação do próprio Umberto Peregrino. Foi a ele dada palavra para explicar e comunicar a grande e importante decisão que havia tomado ao encerrar as atividades do Centro Cultural São Saruê, que ele e Dona Yris fundaram e subsistiram por mais de vinte anos, mas que, agora, o peso da idade não comportava a energia necessária para mantê-lo vivo e atuante como seria desejável.

Há tempos e em segredo Umberto Peregrino começara a transferir o acervo e as atribuições da Instituição entre várias entidades comprometidas com a guarda da cultura e memória do Brasil. Entre essas decisões, Umberto e Yris concordaram que parte do acervo do Centro de Estudos de Literatura de Cordel fosse doada à recém-fundada ABLC por Gonçalo Ferreira da Silva, como foi dito. Acertado o evento para oficializar a doação, Umberto Peregrino em tom de despedida leu a seguinte “EXPLICAÇÃO”:

"Conheci a poesia de cordel no Ceará-Mirim, a cidade dos engenhos de açúcar no meu Rio Grande do Norte. Nos dias de feira apareciam os poetas que cantavam ao som da viola. Eu, ainda menino, me punha a escutá-los, divertindo-me com os versos de amor ou de brincadeiras.

Mais adiante, em Natal, voltei a encontrá-los na conhecida feira do Alecrim. Depois, já no Rio, perdi-os de vista até que eu chegasse a feira de São Cristóvão.

Pois bem, nesse período, quando transcorre a candidatura do Gal. Dutra a presidência da República, fui atrás de poeta que aluava em São Paulo e o trouxe ao Rio para ajudar na propaganda do candidato ao qual eu estava vinculado pessoalmente, na qualidade de seu "ajudante de ordens".

Pois bem, fiz vir do interior de São Paulo o poeta Bento Palmiro para cantar no Rio ao som da viola, versos de cordel alusivos ao candidato Dutra.

Mas foi quando dirigia a Biblioteca do Exército que tive poetas de cordel no Rio. Aí já os conhecia de estudos de literatura e já os avaliava em todo o valor que tinham na literatura e nos estudos sociais. E por aí se explica que, na condição de Diretor da Biblioteca do Exército, haja promovido um "encontro" de poetas de Cordel, trazendo-os ao Rio e apresentando-os num torneio realizado na Praia Vermelha.

Não me descuidei, porém, de trazê-los na ocasião a uma apresentação histórica, no auditório da Biblioteca do Exército, que eu então dirigia. Tudo isso era apenas o começo, pois que, interessado sempre na Poesia do Cordel, vim a fundar a Casa de Cultura São Saruê. Iniciativa em que tive a calorosa e útil cooperação da minha esposa Yris Peregino.

Da parte dela foi um gesto de amor, pois se entregou de corpo e alma à instalação daquela que viria a ser a Casa de Cultura São Saruê. Pois bem...

Foi a essa Casa de Cultura que veio a ter o poeta Gonçalo Ferreira da Silva e daí se operou a nossa aproximação completa, pois a ele, na qualidade de presidente da Academia Brasileira

de Literatura de Cordel, fiz a .entrega da Casa de Cultura São Saruê, consagrada ao precioso gênero literário.

Assim se explica a composição que nos dedicou, tão generosamente, o poeta presidente".

Ao encerrar ele se referiu à poesia composta pelo poeta-presidente da ABLC Gonçalo Ferreira Da Silva e lida na mesma ocasião:

Tocados, naturalmente,
por pensamento divino
o presidente Gonçalo
e o general Peregrino
fizeram São Saruê
e nossa ABLC
unidas num só destino.

A solene transferência
do acervo cultural
de São Saruê foi feita
pelo próprio General.
Em plenária
numa sessão ordinária
foi tornada oficial.

O General,_assumindo
a tribuna, disse tudo:
"Senhores, estou doando
todo o meu centro de estudo
para esta Academia".
Enquanto o plenário ouvia
estático, impotente, mudo...

Quando acabou o discurso
todo registrado em ata
na Casa do Ceará
nome do local e data.
foi tão grande a alegria
que pena alguma daria
uma dimensão exata.

O presidente movido
por forte e justa emoção
tentou arrancar dos céus
reserva de inspiração,
mas esta chegou sem vida
sem qualidade exigida
para a grande ocasião.

E tanto que o auditório
querendo manifestar
a alegria, aplaudiu
não o que ouviu falar,
porém, delicadamente
mandou, indiretamente
o presidente calar.

Daí pra frente foi
um festival de poesia
quem sabia improvisava
e aquele que não sabia
fazia mote porque
"Agora São Saruê
pertence a Academia!"

Os poetas eram muitos
e mais ainda os pedidos.
de motes apresentados
para os vates reunidos
em numerosos magotes
mas não foram muitos motes,
infelizmente atendidos.

Ser poeta não é fácil.
pois carece inspiração,
naquele dia, porém.
quem não tinha vocação
teve o lampejo divino
de cantar, alegre, o hino
de nossa instituição.

Ao cabo de alguns dias
do transcurso do evento,

quando o mundo já havia
tomado o conhecimento
pesquisadores felizes
saudaram de outros países
o grande acontecimento.

Christinat, da Suiça,
nos enviou telegrama
dizendo que a Academia
foi feita para quem ama
a popular poesia
e que nossa Academia
justifica sua fama...

A Academia ganhando
fama internacional,
as grandes comunidades
acadêmica e cultural
nos enviaram missivas
dando demonstrações e vivas
de alegria geral.

Para os centros culturais
enviamos circulares,
também para as redações
dos jornais mais populares
e um locutor atento
fazia com que o evento
entrasse em todos os lares.

E Paulo Nunes Batista,
de Anápolis, Goiás
em carta nos declarou:
"Assim é que o homem faz,
nosso grande General
nos disse o quanto é leal
mostrou do quanto é capaz".

Depois numa prova clara
de seu espírito altruísta
doou para a Academia
durante longa entrevista

que gentil, nos concedeu
o grande e rico Museu
Francisco Chagas Batista.

Que será localizado
aqui em Santa Teresa
na Casa São Saruê
de terna e pura beleza,
de povo amigo e fraterno
este santuário eterno
da nossa mãe Natureza.

Serão em São Saruê
as nossas reuniões,
os encontros dos poetas
e as solenes sessões,
e sairão do tranquilo
aconchego do Camilo
as maiores decisões.

A nossa Diretoria,
Muito humana e solidária,
atenta, perseverante
da nossa lida diária,
dedicada e competente
está com seu presidente
na hora mais necessária.

Não é preciso falar
do Diretor Cultural
o General Peregrino
de talento sem igual.
É o nosso Diretor.
É o nosso professor
é o nosso general.

Dr. Agenor Ribeiro,
homem de grande valor,
nosso Diretor Jurídico
que faz tudo com amor.
Digo porque não me iludo:
nós devemos quase tudo

ao nosso mestre Agenor.

Ao Dr. Francisco Nobre
de alma pura e serena,
Messody Benoliel
a nossa madrinha Mena,
ao caro Dr. Paulino,
Dona Yris Peregrino
que também entrou em cena.

Flávio Rubem competente
como eu nunca vi assim
nosso Abelardo e Gonzalez
não do Quixeramobim
e Hélio, o nosso teólogo,
de quem não falei no prólogo
mas não esqueci no fim.

Doutor Mestre Pensamento

0 artista por ele mesmo

Tudo é a mesma coisa. Até passar pelo fogo (paixão), que transmuta tudo na matéria mais resistente ao próprio tempo. Aí vira terracota ou cerâmica.

Aqui está uma pequena mostra, uma fase daquilo que faço. E nunca sei qual será a próxima, porque faz parte do não aprisionar a vida. Dar sempre asas ao Espírito para que se manifeste, se faça. Ele é maior e melhor do que eu: sou só aprendiz nos seus caminhos.

Nesta fase de personagens humanistas/culturais falo de um Brasil que deu e dá certo. Da humanidade da qual me orgulho de pertencer, de ser da mesma espécie. Acredito que o homem se constrói pelo seu fazer.

Não estou aqui . gratuitamente. O trabalho de um ser sensível é contribuir para melhorar o mundo, em todos os seus aspectos: estéticos, sociais e afetivos. Contribuir para a

formação de um mundo melhor de forma lúdica, inventiva, tolerante, terna e generosa.

A escolha depende de QUEM É, o QUE FEZ e o QUE REPRESENTA a figura a ser retratada. O que fez, a sua obra contada por si ou por outros. Se escritor, seus livros, sua poética e o ser humano que foi ou é. Se compositor, as suas letras, sua poética, sua música. Esses dados valem para todas as áreas das personagens que eu crio: cinema, artes plásticas, humanidades, etc. O meu trabalho é realizado depois de muita pesquisa, critério e paixão.

Para realização de mais de uma peça é necessária a criação da Forma e o material utilizado para essa empreitada é o Gesso estuque, usado também na área de construção.

Quando resolvo criar algumas dessas imagens é por um impulso de valorizar e lembrar a obra que realizam ou realizaram na vida. São pessoas que não deveriam ser esquecidas, mas lembradas sempre, pela capacidade de esforço, criação e superação. Enfim uma história vivida intensamente. Para criação de um personagem eu preciso de informação, emoção e imagem, tudo que possa ajudar nesse processo.

O material que uso para criação dos personagens é encontrado em todo o Planeta Terra e dela que se retira também o silício para fabricação do chip, presente nos computadores. A importância da argila é pela sua plasticidade, cor e resistência, para a perfeita realização do trabalho. A matéria prima é argila (barro). Argila é a mistura de terra especial e de água. Eu faço a escultura ou o modelo de argila, começando normalmente pelo rosto (cabeça), depois tronco e membros.

A água é o elemento líquido que se mistura a argila para que gere plasticidade para que possa criar o personagem.

Quando a produção requer uma tiragem maior tenho que fazer o modelo que antes era argila, agora em silicone, pelo fato desse material ser maleável.

Quando criança eu tinha medos. A noite chegava, o sono não vinha, o escuro me amedrontava. Para espantar o pavor, uma tia me apresentou Monteiro Lobato. Seus heróis me fizeram companhia. Foi fácil seguir o fio da meada e atravessar a longa jornada noite adentro. Minhas mãos surpreendiam, criavam coisas que não havia aprendido, mas que sabia fazer. Elas, as minhas mãos, me contavam histórias...

O barro é parte das mitologias. Na gênese cristã, judaica, grega e de outros povos, elas também estão presentes. Humanidade vem de húmus, terra fértil, boa para o plantio. Prometeu, herói mitológico que nos fez do barro, vendo as criaturas indolentes, sem vida, sem alma, resolveu desafiar os deuses e roubar um bem precioso: o fogo, privilégio exclusivo deles.

Por essa ousadia foi punido. As figuras aqui retratadas são o próprio fogo, transformador por tudo que criaram. Elas representam faróis ou velas acesas na escuridão.

Os gnomos da história

Bem acomodado no bairro de Santa Teresa, no ateliê da Rua Áurea, Zé Andrade começou a imaginar também uma mudança de rumo. Já representara demais os tipos populares, defendeu, se não a igualdade, a melhoria das condições de trabalho e remuneração. Espicaçado pela mudança cultural – das areias ilusórias de Copacabana para a cômoda casa-ateliê, numa Santa Teresa que ainda preservava a paz das noites calmas e silenciosas propícias ao trabalho, o escultor escolheu o caminho de perpetuar na cerâmica, miniaturas das pessoas mais proeminentes, mão só de sua terra, mas de todo o mundo.

Ademais da importância universal do figurado, outro requisito seria de extrema importância: o modelo deveria ter comovido o próprio artista, seja mudando suas convicções, seja semeando novos ideais ou compartilhando a própria vida com passagens – boas e ruins – pelas quais Zé Andrade tinha passado, ainda que em plena mocidade. O passo seguinte foi a divulgação, que fazia em locais previamente escolhidos: centros culturais, livrarias que davam ênfase à arte, exposições coletivas e individuais. Zé Andrade jamais disse não

a pular para fora do ateliê, da comodidade, para enfrentar viagens pelo país para marcar presença para os quais fora convocado: além da exposição da sua arte ele promovia atividades paralelas com adultos e crianças, intimando-os a botar a mão na massa.

Foi um sucesso, até certo ponto, total e inesperado. A obra de Zé Andrade, seus "bonecos de barro", como ficaram popularmente conhecidos eram comentados por todas as classes sociais, nas escolas primárias e nas universidades: seus ídolos iam de Cartola a Einstein. As notícias que envolviam cultura e arte dos jornais e televisões começaram a perceber a importância de Zé Andrade, as entrevistas e reportagens se multiplicaram, resultando em depoimentos a importantes guardiãs da nossa cultura. O detalhe dessa intensa atividade é que não foi uma febre, que passa após tomar uma aspirina ou paracetamol, foi um fato persistente, constante, que permanece.

Por coincidência, ocorreu na cidade, vinda do exterior, uma pandemia de adoração a gnomos. Sim, não é mentira. Bastou alguém lá fora ter "avistado", ter tido um "encontro" com uma dessas criaturas míticas; bastou alguém confessar que pediu e obteve proteção, resposta a um problema e a febre dos gnomos chegou até nos. As criaturas eram produzidas em grande quantidade e havia gnomos por todo lado. Como existe aderentes para todo tipo de coisa, muitos preferiram aderir aos gnomos brasileiros de Zé Andrade, cujo milagre era indicar a seus donos uma vida, uma obra escrita, uma invenção, uma vacina para salvar vidas. E você? Acredita em gnomos? Eu acredito em gnomos. A frase cada vez mais divulgada nas cidades (circula nos vidros dos carros em forma de adesivo), faz com que muita gente acabe se tornando um ferrenho admirador dessa criatura minúscula que, segundo a lenda, habita as florestas e o interior mais profundo da terra, a guardiã das minas e tesouros subterrâneos jamais descobertos.

Outros, mais graves na escolha de uma religião alternativa, vão mais longe ainda. Não só eles colecionam os pequenos duendes, como também organizam um local especial em casa para colocá-los a serviço da sua guarda e proteção

espiritual. Esperam assim ser reconhecidos como um daqueles que merecem como prêmio a indicação de um tesouro, ainda que não seja material, algo que possa tornar a existência espiritualmente mais generosa. O artista plástico Zé Andrade resolveu tomar para si a iniciativa de homenagear grandes figuras da humanidade, particularmente do Brasil, o fez – mesmo sem assim o desejar – sob o signo dos gnomos, ou seja, fazendo-os representados através de pequenas esculturas de terracota, unindo dessa maneira a religiosidade milenar do barro aos anseios mais contemporâneos.

Não é à toa, posto que os gnomos – conta a história – eram assim batizados em virtude de serem possuidores de rara inteligência, sempre aliada à razão e à proposição de verdades morais definitivas (gnomas), que são as raízes de todos os provérbios, os adágios sentenciosos, os ditados que se transformam na filosofia do povinho.

O que Zé Andrade faz, ao juntar à sua coleção de pequenos gênios personas representativas de todas as artes, é dar asas ao espírito para que se manifeste, se faça, através da reunião num mesmo conjunto de vozes. São personagens de presença definitiva em nossa vida, desde Villa-Lobos – que transfigurou o som de nossa floresta em sinfonia clássica – a este Noel Rosa, cotidiano, dos botequins da vida, fumante, bebedor de cerveja e poeta da música urbana. Desde Antônio Carlos Jobim, dono de uma harmonia clássica, capaz de nivelar a música popular à música chamada erudita, até o Cartola, cujas letras plantadas na favela povoam o mesmo jardim das mansões – autores e obras, em suma, díspares na forma, mas unas no conteúdo humano.

Da mesma forma Zé Andrade mostra que não é impossível se juntar ao caráter universal deste trabalho tão brasileiro que Burle Marx nos legou, as ideias de Einstein, cujo pensamento materialista sobre a relatividade das coisas aproximou a alma humana da eternidade possível, que tanto os pobres mortais almejam. E mais ainda: juntar toda essa sopa ao pensamento apaixonado de Nietzsche, que tornou indistintas as fronteiras da razão e da loucura, mas acaba por defini-las como inexistentes – ser louco é ser são e vice-versa...

Sem se fazer de rogado, aliás, de modo bem simples, Zé Andrade dá a chance de juntar a expressividade de Machado de Assis, iniciador da fase familiar realista do romance, incorporando a despensa, hábitos caseiros, como também as mazelas espirituais domésticas – ao personagem picaresco de Mário de Andrade, Macunaíma, exorcista das lendas indígenas, o caráter que melhormente expressa a expressão brasileira.

Depois do que, agrega toda essa feijoada à grandiosidade sertaneja com que Guimarães Rosa emoldurou suas narrativas, trazendo-nos uma visão cinemascópica do nosso interior mais remoto. São eles, pela própria razão da existência, os seres gnômicos modernos que justificam a etimologia (a expressão é grega *gnomikos*, vinda pelo latim dos feiticeiros *gnomicus*), justo as entidades possuidoras de outros poderes além da inteligência marcante, são seres escolhidos por Deus para melhorar a existência terrena. Ou, em outro degrau espiritual, aqueles raros que os alquimistas reconheciam a um primeiro olhar como trazendo dentro de si o ardor da sabedoria, a flama existencial, o poder da genialidade. São fragmentos da inteligência que vaga pelo universo, matéria-prima da alma humana, que de outra forma seriam esquecidos ou, em outras palavras, pílulas de memória, como prefere o próprio Zé Andrade.

Na criação de Zé Andrade, a poesia se faz presente de forma contumaz, pois não tem apenas Fernando Pessoa, que não é apenas uma, mas várias pessoas, cuja heteronímia o aproxima intimamente dos gnomos. Tem também Manuel Bandeira, cuja longevidade era-lhe insuspeitada mercê da tuberculose com a qual sempre conviveu desde a mocidade, fazendo-o passar cada dia como se fosse o último e assim expressar esse estado espiritual em todas as suas poesias, para não falar de Ferreira Gullar – vivo e entre nós – autor do Poema Sujo, sem dúvida alguma o texto mais representativo do *éthnos* brasílico dos tempos atuais. São estrelas da vida inteira e merecem sem dúvida frequentar o mesmo altar...

Zé Andrade nos faz transitar pelas mesmas trilhas tortuosas da imaginação que povoam as plantações de girassol de Van Gogh, enquanto que o seu Picasso parece imaginar o

que foi aquela Guernica dolorosa, sem cores, negra e branca, cujo sangue impensado borraria todas as telas do mundo. Traz-nos também as figuras de personagens que superaram seus criadores, sobrevivendo como seres eternizados, Carlitos, Dom Quixote e o nosso Barão de Itararé, que ainda irão alegrar a existência humana por séculos vindouros, enchendo-a da paz necessária para suportar toda a tragédia da bomba.

Para participar da coleção criada por Zé Andrade não é suficiente ter um nome famoso, ter estrela na calçada da fama. Além disso, a personalidade figurada há de possuir algo de afinidade com os gnomos, em outras palavras, com a sabedoria, a religiosidade, o dever e a obrigação de ter tido uma existência estelar, fortemente associada a benefícios em defesa daquilo que mais prezamos: nossa tão amada casa, a Terra e seus habitantes.

Deste mesmo modo as mãos do artista de Zé Andrade nos dão através do barro e da essência sempiterna, o calor das novas vidas de Groucho Marx, de Alfred Hitchcock e de Woody Allen, magos que levaram às telas dos cinemas gravações de passagens de nossas vidas passadas, presentes, futuras, componentes de nossos medos e temores, mas semeadores de sonhos. São membros de uma mesma equipe, gloriosos plantadores de esperanças, iguais a Sigmund Freud, a Mahatma Gandhi e ao nosso Sobral Pinto, sonhadores de um mundo melhor, filósofos da incompreensão, por isso mesmo, simplesmente necessário.

Nos tempos de pandemias – não uma só – a humanidade carece de tudo. Principalmente de todo tipo de proteção. Esses são os gnomos de que necessitamos na vida atual, não aquela coleção de corujinhas, tartarugas ou pseudo-gnomos europeus e nórdicos. Estes já têm muita preocupação em preservar as florestas e as riquezas dos solos daquelas terras combalidas por séculos de exploração. Precisamos ter a companhia de gnomos modernos, gênios que nos encaminhem para uma existência espiritualmente rica, que nos abram a cabeça para novas ideias. Mestres que espicacem nosso espírito para a aventura, que façam do risco desconhecido uma vitória e sábios que nos deem coragem tanto para enfrentar os maus corações, para nos encher de força e excitação para lutar por

aquilo que sonhamos. Almas sensíveis que sejam inspiração para selecionar as flores e ervas que escolhemos para nosso jardim, que sejam sementes para as árvores, os frutos orgânicos que queremos para nossa mesa.

Zé Andrade pelos poetas

Por isso amigo admiro
Tua classe teu poder
Tua arte teu trabalho
Este teu jeito de ser
Amigo de todo mundo
Sem a ninguém ofender.
Joel Borges

A atuação ao mesmo tempo hiperativa e generosa de Zé Andrade junto aos poetas de cordel e todo o seu entorno, xilogravadores, cantadores, sós ou em duplas, abrindo as portas da Casa São Saruê não só aos veteranos famosos, mas por igual para a nova geração de artistas, certamente agradou ainda mais a Umberto Peregrino e Dona Yris. Não havia fim de semana que a Casa não oferecesse eventos múltiplos – não só aos moradores de Santa Teresa, à coletividade, às comunidades que existiam há tempos, mas a convidados ilustres e também aos turistas que achegavam atraídos pelo renome e fama que a entidade alcançou.

As reuniões juntavam muita gente e transformavam a Casa São Saruê num formigueiro: as faces alegres das crianças e o bate-papo dos grupos de visitantes e turistas, os elogios constantes, tudo isso fazia o casal feliz e mais alegre ainda.

O pequeno auditório interno servia às palestras e reuniões sempre proveitosas, na parte de fora, debaixo de sombrosa mangueira, num pequeno tablado, juntavam-se cantadores, repentistas, poetas mostrando as novas produções. Os eventos eram sempre incrementados com acepipes da culinária nordestina providenciados pelas secretárias de Dona Yris e para esquentar as almas, servia-se vinho branco ou pitadas da boa cachacinha da Paraíba. Zé Andrade comandava grande parte dessa movimentação. Devido ao conhecimento e amizade com os artistas nordestinos – que sempre procurava promover (muitos ganhando o

respectivo cachê) – havia mais oferta que procura. Essa dedicação teve reconhecimento dos fundadores da Casa São Saruê dando a Zé Andrade todo apoio para suas iniciativas, as quais, diga-se, nunca mereceram uma vírgula de crítica ou reprovação.

Os artistas que participavam dos eventos e promoções, como é comum, sempre procuraram demonstrar gratidão ofertando algo de sua própria lavra: caricaturas, poesias, gravuras, fotografias, resultando, em consequência, também boa cobertura da imprensa, capas de revistas, textos em colunas especializadas, entrevistas e participação em programas de televisão. Pode-se dizer que – por conta e arte de seu próprio talento, juntado ao espírito aglutinador e desprendido, a vida do artista Zé Andrade deu um salto significativo, multiplicando as exposições, as mostras individuais e coletivas, o apoio de entidades públicas e privadas, os convites de segmentos voltados para a arte e cultura. A fama correu, atravessou oceanos, levou-o ao Chiado de Fernando Pessoa, aos girassóis de Van Gogh, à Feira Internacional de Livro de Frankfurt, às Mostras Internacionais de Humor – expressivo destino do rapaz que veio da Bahia e morou nas areias de Copacabana...

Entre os poetas populares, base de todas as demais artes da Literatura de Cordel – incluídas as editoras e as xilogravuras que enfeitavam as capas exuberantes e por fim ganhavam vida própria, os cancioneiros em folhas soltas, os pares de cantadores de desafios, o intérprete e autor de canções belíssimas, cômicas, românticas e trágicas – Zé Andrade recebeu muitas homenagens. Os poetas improvisavam em versos simples e muitas vezes imperfeitos um agradecimento úmido, o abraço arrochado, versos que traduziam o pensamento puro, a amizade sincera, a gratidão amiga. É desse jeito que o poeta popular, o violeiro, o repentista gosta de expressar seus sentimentos mais sinceros.

Joel Borges, poeta, xilo gravador e editor, descendente de tradicional família de cordelistas – frequentador assíduo e importante colaborador da Casa São Saruê – com a nítida impressão de agradecimento e gratidão, publicou um folheto em que tenta narrar a trajetória biográfica e artística de Zé

Andrade. E o faz com o talento que Deus lhe deu, sem cair no piegas ou no lugar-comum:

Zé Andrade - O Barro e a Arte

Autor: Joel Borges

A Deus meu superior
Eu peço neste momento
Para escrever um cordel
Tirado do pensamento
Sobre um grande amigo meu
Que neste livro apresento.

Falo sobre Zé Andrade
Que mora em Santa Teresa
Desenvolvendo a cultura
Seu trabalho é uma beleza
Na Rua Áurea 118
Que disto eu tenho a certeza.

O Zé Andrade é baiano
Vive no Rio de Janeiro
Seu trabalho é conhecido
Na bola do mundo inteiro
É um artista que honra
Seu nome de Brasileiro.

Um ceramista que nunca
Mancha o papel de artista
Amigo de todo mundo
Não é sujeito anarquista
Gosta muito dos amigos
Sou testemunha de vista.

Com o barro Zé Andrade
Mostra a sua bravura
Faz dançarino e cangaceiro
E sabe fazer gravura
Além disso ainda faz
A melhor caricatura.

Eu como artista também
Conheço perfeitamente
Que com o barro ele faz
Tudo que lhe vem na mente
Um artista como esse
Engrandece o Brasil da gente.

Parabéns amigo meu
Você é merecedor
De receber elogios
Pois conheço o teu valor
És um artista famoso
Que a Bahia criou.

Para servir os amigos
Ele serve com alegria
Cheio de boa vontade
Nunca bancou covardia
Para ajudar outro artista
Meia-noite pra ele é dia.

Já fez estátua de amigos
Com a maior perfeição
De Maxado e de Joel
Dois artistas do sertão
E hoje eu pago a ele
Com parabenização.

Na casa de Zé Andrade
Você entra fica abismado
Vendo todo o seu trabalho
Que ele tem lá reservado
De dançarino e político
E cangaceiro afamado.

E já fez caricatura
De Governo e Senador
De Prefeito e Deputado
Também de Vereador
Agora Tancredo Neves
Vai aumentar seu valor.

O nosso amigo Rodrigo
Está no Brasil andando
Com uma caricatura
Comícios realizando
Emocionando os Estados
E os jornais se abalando.

A televisão também
Faz bonitas reportagens
Daquela caricatura
De um artista de coragem
Que com sua arte mostra
Que isto não é pabulagem.

Estampa em 1ª página
Do jornal de cada Estado
A caricatura Tancredo
Serviço bem-acabado
É por isso que eu digo
Zé Andrade é um danado.

De Jango e de Juscelino
Também fez caricatura
Que aonde elas são vistas
Vê-se o que é Arte e Pura
Com suas mãos pega o barro
E faz qualquer criatura.

Fez o Teotônio Vilela
Com seu gesto positivo
Com o chapéu na cabeça
Bem alegre e atrativo
Quem vê a caricatura
Parece que ele é vivo.

Também o Getúlio Vargas
Ele fez sem faltar nada
O povo vê e recorda
Aquela data passada
Que ele foi Presidente
Deste Brasil terra amada.

Seu Zeca do Ceará
É um artista potente
Chegou na casa do Zé
Conversou muito contente
Parece que o Getúlio
Estava vivo em sua frente.

Todo o trabalho do Zé
Andou o Brasil inteiro
Conversando e aconselhando
Nosso povo brasileiro
E ensinando a votar
É um homem hospitaleiro.

Quem tomar o seu conselho
Sei que vai votar bem
Vai consertar o Brasil
Destes defeitos que tem
Penso assim que Presidente
Como Getúlio inda vem.

Já com muita exposição
Por este Brasil inteiro
Em Brasília e em S. Paulo
Também no Rio de Janeiro
Em Minas e no Ceará
Em Paraná ganhou dinheiro.

No Rio Grande do Sul
Ele já expôs também
Seus trabalhos respeitados
Igual a ele não tem
Com os traços que Zé faz
Eu não conheço ninguém.

Fez trabalho pra jornal
Também pra Televisão
Pra revista pra político
Tudo teve aceitação
Com o barro Zé faz ouro
Na palma da sua mão.

Com esse trabalho todo
Seu nome é bem divulgado
No filme do Barro Humano
Vê-se o Zé todo suado
Com a mão amassa o barro
É boneco pra todo lado.

Conheci o Zé Andrade
Um domingo dia de feira
Era lá em São Cristóvão
Isto foi a vez primeira
Eu ainda iniciando
Ele já feito carreira.

Chegou ele e o Ciro
Duas figuras legal
Um maior outro menor
Pelo meio do pessoal
Digo assim no tamanho
No prestígio é igual.

O Zé já a mim ajudou
O Ciro ajudou também
Artista sem ter amigo
Pra mim não vale ninguém
Muita arte e bom coração
Estes dois artistas têm.

A sua vida amorosa
É necessário eu falar
É cada mulher bonita
Que eu vejo chegar lá
E ele abraça a e diz
Com esta vou me casar.

Agarra e dorme com elas
Curte a noite muito bem
No outro dia cedinho
Aquela vai outra vem
Eu sei que aqui no Rio
Bem poucos esta vida tem.

Por isso· amigo admiro
Tua classe teu poder
Tua arte teu trabalho
Este teu jeito de ser
Amigo de todo mundo o
Sem a ninguém ofender.

E aqui vou despedir-me
Com forte aperto de mão
Um abraço Zé Andrade
Deste amigo teu irmão
Que tudo que você fez
Para Joel desta vez
Guardo no meu coração.

Aqui termino um trabalho
Com luta a sem bacamarte
Que pode ser visto e lido
Digo assim em toda a parte
Ao qual eu intitulei
Zé Andrade: O Barro e a Arte.
FIM

Franklin Maxado, poeta, escritor, jornalista e Bacharel em Direito feirense, que conheceu Zé Andrade nos primórdios da carreira, também escreveu um folheto biográfico, para registrar os feitos e a ascensão do escultor, que havia se tornado nome nacional, com presença marcante e múltiplos eventos de arte, escultura, cartunismo, cenarização e até participação carnavalesca com a criação de peças alegóricas para escolas de samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro.

Franklin Maxado Nordestino – por extenso – escreveu o folheto na língua do "K", uma proposta ortográfica mal recebida, com ideia de "escrever como se fala e pronuncia", cujas raízes remontam à reforma apoiada pela Academia Brasileira de Letras, ainda sob a Presidência de Machado de Assis. Para bom entendimento de todos tomei o cuidado de fazer uma "tradução não-autorizada", reproduzindo, em seguida, o folheto em sua forma original.

O homem que cria deuses do barro
(Zé Andrade)

Autor: Franklin Maxado Nordestino

A Bíblia, que é sagrada
E tem toda temperança,
Diz que Deus criou o homem
A seu rosto e semelhança
Mas eu aqui contrário
E digo que lá no Rio
Tem um ser com outra transa.

Esse cara é Zé Andrade
Um ornem que faz no barro
Os deuses que quer criar
E com eles tira sarro
Tendo um céu particular
Criando assim um lugar
Onde eu vou e me amarro.

Todo artista que é artista
É um deus bem criador
Mas Zé Andrade é mais
Porque ele é paridor
É mais um cria prazer
Quando está a fazer
Suas obras de valor.

O nosso deus tem morada
No alto de Santa Tereza
De onde vê seu olimpo
Pra escolher sua presa
Parecendo um vampiro
Como Sá, Marcelo e Ciro
Acham sua natureza.

A sua casa é um templo
Dedicado ao deus Prazer
Com cultos de adoração,
Sem abusar do poder,

Com liturgia de cama
Para a devota que ama
Pode dar e receber.

Pois as mulheres já gostam
De irem lá pra rezar
Adoram ver o seu deus
Com o barro a obrar
Dando as suas lições,
Recebendo as gratidões,
Usando seu linguajar.

A história deste deus,
Embora não tenha início,
Começou lá na Bahia
E aqui conto o princípio
Porque também sou da arte
Desta seita faço parte
E não corro do ofício.

Veio pequeno de Ubaíra
Com a família pra Feira,
Lá estudou com os padres,
Levando vida de freira
Dali saiu para o mundo
Quasemente um vagabundo,
Mas não fazia besteira.

Zé Andrade, quando veio,
Foi ripe de pulseirinha
E nas praças cariocas
Destribava a menininha,
Inventando coisas novas,
Passando por todas provas
De quem tem vida durinha.

Chegou com o Emanuel
Logo fez seus camarados
Sem preconceito de sexo,
É amigo de viados
Ou de Joel, Pico e Ivan
De Nunes Pereira é fan

Rodrigo é dos chegados.

E tem o Moacir Bastos,
Também o Vitor Lustosa
Sem falar na mulherada
Cada uma mais gostosa
Mas isso é no presente
Pois foi um sobrevivente
Duma era cavernosa.

Era aí um ambulante
Dormindo com a beleza
Se cobrindo com o céu
Ouvindo a correnteza
Das radiolas marinhas
Da cama das suas prainhas
Não sentindo a frieza.

E não sonhava sozinho
Esculpia a companheira
Com as areias do leito
Para ser sua parceira
Naquelas noites de sonhos
Sem pesadelos medonhos
De quem está na rabeira.

Quando o sol vinha acordá-lo
Dos abraços amorosos
Com a mulher de areia
Já aviam curiosos
Que miravam a ilusão
Que gozavam a criação
Desse deus dos andrajosos.

Dos anéis e das areias,
Foi pro quarto alugado
Aí a mulher já era
Lindo ser metalizado
Pois dormia com uma máquina
De foto, não sendo magna
Pra deixá-lo saciado.

Daí, então, o Zé fez,
Do seu quarto, uma vagina
E entrava todo nela
Como em bolsa uterina
E até hoje é o seu lar
Uma igreja com altar
Para a alma feminina.

Paredes são decoradas
Com vias sacras sexuais
Com sacrifícios eróticos
Ou gravuras sensuais
Pois é também gravador
Fazendo tudo com amor
Para sentir os astrais.

Zé exerce as qualidades
De arrumar lavar, varrer,
Costurar e decorar
Além de curtir e ler
É um bom dono de casa
Pois é onde se embasa
Pras criaturas fazer.

Convive com a natureza
Com amigos e bichinhos
É fã do povo e dos clássicos
Não tem essa dos mesquinhos
Tem as janelas com flor
E o rizo no interior
Pra quem são seus chegadinhos.

A muitos artistas do barro
Que conseguem criação
Mas o Zé é diferente
Pois é um baita deusão
Que além de retratar
Dá vida e faz avivar
Ação e imaginação.

Tem olhos que podem ver
Coisas em profundidade

E aquelas que estão longe
Ficam em proximidade
Mesmo fechada a visão
Tem terceira dimensão
Tal a sensibilidade.

Esse dom vem do seu berço
Quando menino traquino
Que fazia seus brinquedos
Na falta de um mais fino
Do chão tirava bonecos
Ou fazia outros trecos
Exercitando o seu tino.

Por isso não tem problemas
Com a comunicação
Com crianças e garotos
Que gostam de curtição
De lhe verem alguma pesa
E se encantam à beça
Chegando à adoração.

Seus seres até conversam
Trocam ideias com viventes
Mesmo as caricaturas
Se mostram maiores gentes
Do que muitos retratados
Daqueles imaginados
Por maliciosas mentes.

Falando em caricatura,
Fez a máscara do Tancredo,
Se tornando logo um símbolo
Da campanha deste ledo
Presidente da República
Tal capacidade lúdica
Soma com a de Aedo.

São teatrais suas máscaras
Pois o teatro pra Andrade
Faz parte do seu senário,
Que é universalidade

Vê todos como atores
Num circo ou bastidores
Na mentira ou verdade.

Se ele está, também faz
Senários para teatro,
Quer adulto ou infantil
Pra simbolizar um ato
Faz o Prêmio Paulo Pontes,
Que amplia os horizontes.
E quem o recebe é grato.

Por boneco, cara, máscara
E também por criatura,
Zé entrou na "Exposição
Da História da Caricatura"
Ao lado dos mais famosos
Com trabalhos gloriosos
De quem os faz e fatura.

Foi em 79,
Junto a Millôr, Darlan,
Jaguar, Ângelo Agostini,
Henfil, Hilde, Biratan,
Veríssimo, Lor, Ziraldo
Zélio e outro bocado
Como Borjalo e Lan.

A exposição foi do MEC,
Feita no Rio de Janeiro
A Capital Cultural
Deste solo brasileiro
Do qual ou da qual Zé tira
A matéria para a lira
Do poema de barreiro.

É um artista divino
Que tem os dois pés no chão
Por isso os faz tão grandes
Base de sustentação
Estão ligados à terra
Como raízes na serra

Pra mente dar frutação.

M-aneirei até demais
A vida do Zé Andrade
X-amo atenção para a letra
A, de arte, artisidade,
D-o criador, esperamos
O Poder de eternidade.

Vale das Pedrinhas, Maré, Rio de Janeiro, julho de 1984.

****
Apêndice
O folheto de Maxado conforme o texto original:

O omem ke kria deuzes do barro (Zé Andrade)

Autor: Franklin Maxado Nordestino

A Bíblia, ke é sagrada
E tem toda temperansa,
Diz ke Deus kriou o omem
A seu rosto e semellansa
Mas eu aki kontrario
E digo ke lá no Rio
Tem um ser kom outra transa.

Ese kara á Zé Andrade
Um ornem ke faz no barro
Os deuzes ke ker kriar
E kom eles tira sarro
Tendo um séu partikular
Kriando asim um lugar
Onde eu vou e me amarro.

Todo artista ke é artista
É um deus bem kriador
Mas Ze Andrade é mais
Porke ele e paridor.
É mais um kriaprazer
Kuando está a fazer
Suas obras de valor.

O noso deus tem morada
No alto de Santa Tereza
De onde vê seu olimpo
Pra eskoller sua preza

Paresendo um vampiro
Komo Sá, Marcelo e Ciro
Axam sua natureza.

A sua kaza é um templo
Dedikado ao deus Prazer
Kom kultos de adorasão,
Sem abuzar do poder,
Kom liturjia de kama
Para a devota ke ama
Pode dar e reseber.

Pois as mulleres já gostam
De irem lá pra rezar
Adoram ver o seu deus
Kom o barro a obrar
Dando as suas lisões,
Resebendo as gratidões,
Uzando seu linguajar.

A istória deste deus,
Embora não teña inísio,
Komesou lá na Baía
E aki konto o prinsípio
Porke também sou da arte
Desta seita faso parte
E não korro do ofisio.

Veio pekeno de Ubaíra
Kom a família pra Feira,
Lá estudou kom os padres,
Levando vida de freira
Dali saiu para o mundo
Kuazemente um vagabundo,
Mas não fazia besteira.

Zé Andrade, kuando veio,
Foi ripe de pulseiriña
E nas prasas kariokas
Desturibrava a meninña,
Inventando koizas novas,
Pasando por todas provas
De kem tem vida duriña.

Xegou kom o Emanuel
Logo fez seus kamarados
Sem prekonseito de sexo,
É amigo de viados
Ou de Joel, Pico e Ivan

De Nunes Pereira é fan
Rodrigo é dos xegados.

E tem o Moacir Bastos,
Também o Vitor Lustosa
Sem falar na mullerada
Cada uma mais gostoza
Mas iso é no prezente
Pois foi um sobrevivente
Duma era kavernoza.

Era aí um ambulante
Dormindo kom a beleza
Se kobrindo kom o séu
Ouvindo a korrenteza
Das radiolas mariñas
Da kama das suas praiñas
Não sentindo a frieza.

E não soñava soziño
Eskulpia a kcompañeira
Kom as areias do leito
Para ser sua parseira
¬Nakelas noites de soños
Sem pezadelos medoños
De kem está na rabeira.

Kuando o sol viña akordá-lo
Dos abrasos amorozos
Kom a muller de areia
Já aviam kuriozos
Ke miravam a iluzão
Ke gozavam a kriasão
Dese deus dos andrajozos.

Dos anéis e das areias,
Foi pro kuarto alugado
Aí a muller já era
Lindo ser metalizado
Pois dormia kom uma mákina
De foto, não sendo magna
Pra deixá-lo sasiado.

Dai, então, o Zé fez,
Do seu kuarto, uma vajina
E entrava todo nela
Komo em bolla uterina
E até oje é o seu lar
Uma igreja kom altar

Para a alma feminina.

Paredes são dekoradas
Kom vias sakras sexuais
Kom sakrifísios erótikos
Ou gravuras sensuais
Pois é tanbém gravador
Fazendo tudo kom amor
Para sentir os astrais.

Zé exerse as kualidades
De arrumar lavar, varrer,
Kosturar e dekorar
Além de kurtir e ler
É um bom dono de kaza
Pois é onde se enbaza
Pras kriaturas fazer.

Konvive kom a natureza
Kom amigos e bixiños
Ê fã do povo e dos klásikos
Não tem esa dos meskiños
Tem as janelas com flor
E o rizo no interior
Pra kem são seus xedadiños.

A muitos artistas do barro
Ke konseguem kriasão
Mas o Zé é diferente
Pois é um baita deuzão
Ke além de retratar
Dá vida e faz avivar
Asão e imajinasão.

Tem ollos ke podem ver
Koizas em profundidade
E akelas ke estão longe
Fikam em proximidade
Mesmo fexada a vizão
Tem terseira dimensão
Tal a sensibilidade.

Ese dom vem do seu berso
Kuando menino trakino
Ke fazia seus brinkedos
Na falta de um mais fino
Do xão tirava bonekos
Ou fazia outros trekos
Exersitando o seu tino.

Poriso não tem problemas
Kom a komunikasão
Kom kriansas e garotos
Ke gostam de kurtisão
De lle verem alguma pesa
E se enkantam à besa
Xegando à adorasão.

Seus seres até konversam
Trokam ideias kom viventes
Mesmo as karikaturas
Se mostram maiores jentes
Do ke muitos retratados
Dakeles imaginados
Por malisiozas mentes.

Falando em karikatura,
Fez a máskara do Tancredo,
Se tornando logo um símbolo
Da kanpanha deste ledo
Presidente da Repúblika
Tal kapasidade lúdika
Soma kom a de aedo.

São teatrais suas máskaras
Pois o teatro pra Andrade
Faz parte do seu senário,
Ke é universalidade
Vê todos komo atores
Num sirko ou bastidores
Na mentira ou verdade.

Se ele está, também faz
Senários para teatro,
Ker adulto ou infantil
Pra simbolizar um ato
Faz o Prêmio Paulo Pontes,
Ke amplia os orizontes.
E kem o resebe é grato.

Por boneko, kara, máskara
E também por kriatura,
Zé entrou na “Exposição
Da História da Caricatura"
Ao lado dos mais famozos
Kom traballos gloriozos
De kem os faz e fatura.

Foi em 79,
Junto a Millôr, Darlan,
Jaguar, Ângelo Agostini,
Henfil, Hilde, Biratan,
Veríssimo, Lor, Ziraldo
Zélio e outro bokado
Komo Borialo e Lan.

A expozisão foi do MEC,
Feita no Rio de Janeiro
A kapital kultural
Deste solo brazileiro
Do kual ou da kual Zé tira
A matéria para a lira
Do poema de barreiro.

É um artista divino
Ke tem os dois pés no xão
Poriso os faz tão grandes
Baze de sustentasão
Estão ligados à terra
Komo raízes na serra
Pra mente dar frutasão.

M-aneirei até demais
A vida do Zé Andrade
X-amo atensão para a letra
A, de arte, artisidade,
D-o kriador, esperamos
O Poder de eternidade.

Vale das Pedriñas,Maré,Rio de Janeiro, julho de 1984.

Plante um pé de tamarindo

Outro acontecimento que mexeu com os nervos do Zé Andrade foi a notícia que leu no Jornal Leopoldinense (edição de 16/07/2012), de Leopoldina (MG). A revolta que Zé Andrade sentiu naquele momento ele explicou na contracapa do folheto "Em memória do poeta plante um pé de tamarindo", obra coletiva de vários poetas convidados. Escreveu Zé Andrade: "Esse belo tamarindo que fazia sombra ao último descanso do Poeta Augusto dos Anjos, fotografado por mim em dezembro de 2010 em Leopoldina (MG) hoje não existe mais. Em junho de 2012, li a notícia no Jornal Leopoldinense que ele fora cortado. Logo depois, através do Jornal Estado de Minas, leio matéria

do jornalista Ana Clara Brant, que pedaços da árvore seriam distribuídos como suvenir.

A relação do poeta Augusto dos Anjos com o tamarindeiro vem das lembranças da infância e da adolescência na terra natal. Pela sombra acolhedora, pelo tronco "de amplos agasalhos", ao qual o poeta se recostava, o tamarindeiro era o lugar preferido para estudar, para ler e, depois, para escrever os primeiros versos. Por essas justas razões a árvore mereceu de Augusto dos Anjos um soneto, depois publicado em seu único livro "EU", em 1912.

Debaixo do tamarindo

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei biliões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da Flora Brasileira
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
De minha vida, e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada com a própria Eternidade
A minha sombra há de ficar aqui!

Pode-se dizer que o pé de tamarindo seguiu Augusto dos Anjos por toda a vida. O poeta, que nasceu em 1884 em Sapé (PB) e morreu em 1914 em Leopoldina (MG), logo após a desastrosa viagem que fez da Paraíba ao Rio de Janeiro, em terras mineiras teve o seu túmulo sombreado também por um tamarindeiro. Na terra natal do poeta o pessoal cuida da árvore como se fosse a própria estátua de Augusto dos Anjos, mas os tamarindeiros não são eternos. Certo dia Augusto Ferreira da Silva (que recebeu o prenome em homenagem ao poeta), funcionário encarregado de limpar e conservar o local ouviu

um forte estalido e chamou os técnicos. A notícia saiu no "Diário de Sapé":

> "Um pé de tamarindo localizado na zona rural do município de Sapé, na Zona da Mata paraibana, está passando por um processo de revitalização por parte da Emater. A árvore é o principal símbolo da obra do poeta Augusto dos Anjos, que nasceu e viveu no município. Augusto dos Anjos desde criança tinha o hábito de descansar e escrever poesia ao pé da árvore. A preocupação com o tamarineiro surgiu a partir do relato feito pelo funcionário do Memorial Augusto dos Anjos: "Senti um vento forte e em seguida ouvi um estalo na árvore. Quando fui olhar, o concreto dentro dela havia rachado". Técnicos analisaram a árvore e resolveram realizar uma revitalização. O tamarindeiro estava sofrendo ataques de pragas, a exemplo do cupim, e de fungos no tronco. Estamos fazendo uma poda de limpeza, aplicamos antifúngico e aplicamos a técnica de espuma expandida, para evitar que se acumule água e proliferação de fungos", disse o técnico".

Se na Paraíba encontraram solução para revitalizar o tamarindeiro, em Leopoldina foi diferente: a árvore foi abaixo. Zé Andrade tomou as dores, fez campanha em jornais, esteve de corpo presente em Leopoldina. Se teve êxito, não se sabe. O folheto de cordel, com a manifestação dos poetas em defesa do colega paraibano fez parte dos protestos pelo descaso das autoridades (in) competentes. Os poetas convidados se mostraram guerreiros de valor. Em verdade pouco importa saber se a sacanagem que ocorreu em Leopoldina ficou por isso mesmo ou não. O importante é que a iniciativa de Zé Andrade deu coceira nas partes íntimas das autoridades e jornalistas daquela cidade, fazendo-os assumir a carapuça.

O folheto tem importante nota, breve, mas eloquente, do professor Moacyr Bastos, um dos estudiosos de Augusto dos Anjos, que encerra o texto com um soneto do poeta paraibano:

"O pé de tamarindo é um personagem constante dos poemas de Augusto dos Anjos. E ainda hoje existe no Engenho Pau d'Arco (hoje Memorial Augusto dos Anjos), onde nasceu o grande poeta. Infelizmente o outro exemplar que o acompanhou junto ao túmulo, em Leopoldina (MG), foi há pouco derrubado.

“Para preservar a memória do autor de poemas já clássicos da nossa literatura, como "Eu", o artista plástico Zé Andrade, ao lado de vários cordelistas, está promovendo um projeto de estímulo à plantação de tamarindo em espaços públicos, particulares, escolas, universidades e bibliotecas.

“Juntemos nossas forças para manter viva a memória de Augusto dos Anjos, que foi também um grande defensor da natureza”.

A Árvore da Serra

- As árvores, meu filho, não têm alma!
E esta árvore me serve de empecilho...
É preciso cortá-la, pois, meu filho,
Para que eu tenha uma velhice calma!

- Meu pai, por que sua ira não se acalma?!
Não vê que em tudo existe o mesmo brilho?!
Deus pôs alma nos cedros... no junquilho...
Esta árvore, meu pai, possui minha alma!...

– Disse – e ajoelhou-se, numa rogativa:
"Não mate a árvore, pai, para que eu viva!"
E quando a árvore, olhando a pátria serra,

Caiu aos golpes do machado bronco,
O moço triste se abraçou com o tronco
E nunca mais se levantou da terra!

Professor
MOACYR BASTOS

Quanto aos poetas populares, cada um deu o seu recado usando o próprio talento e características literárias para cantar de poeta para poeta a tragédia do tamarindeiro:

1.

Augusto dos Anjos,
em memória do poeta,
plante um pé de tamarindo.

Homenageando Augusto
e sendo homenageados
oito poetas do povo
foram selecionados
tidos nos meios poéticos
como os mais credenciados.

Nasce Augusto de Carvalho
R. dos Anjos em mil
oitocentos e oitenta
e quatro a vinte de abril
em Pau d'Arco, Paraíba
no Nordeste do Brasil.

No centenário do EU
vamos fazer plantação
de mil pés de tamarindos
para a multiplicação
do vegetal precioso
não por mil, por um milhão.

Veremos Tamarindeiros
na primavera florindo
e na sombra acolhedora
um cenário muito lindo
simbolizando o poeta
DEBAIXO DO TAMARJNDO.

Autor: Gonçalo Ferreira da Silva

2.

Augusto dos Anjos,
em memória do poeta,
plante um pé de tamarindo.

Aqui homenageamos
um poeta brasileiro
que nasceu na Paraíba,
morreu em solo mineiro
porém nunca mais deixou

o velho tamarindeiro.

O nosso Augusto dos Anjos,
que pouco tempo viveu,
em sua vida terrena
o pouco que ele escreveu
ficou maior que o engenho
onde o poeta nasceu.

Dono de um estilo próprio
pega o cientificismo,
mistura Parnasiano
com toques do Simbolismo,
não faltam na sua lavra
adubos de pessimismo.

Para que esta homenagem
possa torna-se completa
escolha um lugar propício,
mantendo em mente essa meta,
e plante um tamarindeiro
em memória do poeta.

Autor: Sepalo Campelo

3.

Augusto dos Anjos,
em memória do poeta,
plante um pé de tamarindo.

AUGUSTA PLANTAÇÃO

Foi do tronco d'um Carvalho,
que o poeta do "EU" brotou
no Engenho do Pau d'Arco.
a sua vida abrolhou
e o velho tamarindeiro
esta história registrou.

Naquele tamarindeiro,
estudava sua lição,

suas tarefas escolares,
chegando a exaustão,
e ali também chorava
a dor da desilusão.

Distante da sua terra
longe do tamarindeiro,
foi para outra dimensão
deixando seu companheiro
que nem chegou a ouvir
o seu canto derradeiro.

No pé de minhas estrofes
plantei admiração,
"debaixo do tamarindo"
colhi minha produção,
Na voz de cada poeta
verei multiplicação.

Autora: Maria de Lourdes Aragão Catunda
(Dalinha Catunda)

4.

Augusto dos Anjos,
em memória do poeta,
plante um pé de tamarindo.

Versejo Augusto dos Anjos
Poeta paraibano
Habitando outro planeta
Desde o seu celeste plano
Canto a morte como arte
E brilho sobre-humano!

Adotou Minas Gerais
E Minas lhe deu abrigo
Viveu em Leopoldina
Saudoso do solo antigo
Compondo versos à sombra
Do tamarindeiro amigo!

O poeta se despede
Mas seu legado é infindo
E tem pensamentos rasos
De pessoas destruindo
Nossa cultura e tramando
Contra o pé de tamarindo!

A ganância imobiliária
Nesse crescimento urbano
Menospreza a natureza
E ao tamarindo odiando
Também destrói a memória
Do bardo paraibano!

Autor: Manoel Santamaria

5.

Augusto dos Anjos,
em memória do poeta,
plante um pé de tamarindo.

Falar de Augusto dos Anjos
É relembrar o passado
De um bardo forte e sofrido
Humilde e condecorado
Lá do Engenho Pau D'arco
Na Paraíba, o Estado.

Em dezoito oitenta e quatro
A vinte de abril nasceu
Morou no Rio de Janeiro
Logo depois resolveu
Morar em Leopoldina
Até quando faleceu.

Mas não esquece a infância
Do lugar onde ele vivia
Onde um pé de tamarindo
Lhe dava sombra e servia
Como um simples companheiro
Das coisas que ele escrevia.

Mas os algozes cortaram
Sua árvore predileta
Mas vamos plantar de novo
Que é pra ver se vegeta
Outro pé de tamarindo
Em homenagem ao poeta.

Autor: Miguel Bezerra

6.

Augusto dos Anjos,
em memória do poeta,
plante um pé de tamarindo.

Do útero da Paraíba
no Engenho do Pau d'Arco
nasceu Augusto dos Anjos
e ali criou seu marco
fazendo da poesia
o seu majestoso barco

Do sertão foi pra cidade
vendo horizonte sorrindo
peito nativo chorando
e seus olhos se esvaindo
ao verem ficar sozinho
o seu pé de TAMARJNDO

Falar de Augusto dos Anjos
foi o maior prêmio meu
menino que aos sete anos
primeiro verso escreveu
e sai do interior
para estudar no LICEU

Foi professor e Poeta
e Doutor (não exerceu)
mestre no Pedro Segundo
com trinta anos morreu
e EU, seu famoso livro

o mundo nunca esqueceu

Autor: João Batista Melo

7.

Augusto dos Anjos,
em memória do poeta,
plante um pé de tamarindo

Não tendo nenhum estudo
Os poetas cantam tudo
Por isso aqui vou contar:
Foi de Jesus o madeiro
Que se quis vender primeiro
Não o que vai perpetrar.

Residir cm Leopoldina
Viver a vida em surdina
Que merece o coração.
Augusto dos Anjos almeja
Esquecer ódio e inveja
E voltar à inspiração.

Mas a madre natureza
Pegou todos de surpresa
Feneceu o tamarineiro!
Da árvore morto pedaço
Pensam tomar o espaço
Do poeta verdadeiro.

Uma homenagem ao poeta
Cuja alma aqui vegeta
Todos lhe podem prestar:
Basta escolher o terreiro
E um pé de tamarineiro
Com muito amor semear.

Autor: Sá de João Pessoa

8.

Augusto dos Anjos,
em memória do poeta,
plante um pé de tamarindo.

O grande Augusto dos Anjos
Poeta paraibano
Um gênio da poesia
No lirismo um soberano
Considerado o poeta
Maior dentre o ser humano

Além de grande poeta
Lírico e bem metrificado
O grande Augusto dos Anjos
Como professor honrado
Morreu em Minas Gerais
Bem longe do seu Estado

Eu que nasci em Sapé
Naquele planalto lindo
Onde Augusto dos Anjos
Nasceu e viveu sorrindo
Deliciando o frescor
Da sombra d'um tamarindo.

Colégio Augusto dos Anjos
Lá foi onde estudei
Nos dias da minha infância
Com meus colegas brinquei
Hoje saudoso recordo
Dos bons tempos que passei

Autor: José João dos Santos (Azulão)

Pau pra toda obra

Por motivos diversos, todos nobres, Zé Andrade sempre recorria primeiro a Sá de João Pessoa para produzir a parte cordelística de algumas iniciativas, das centenas de milhares que saíam da cabeça do artista. Seja pela facilidade de acesso, pela amizade, pela confiabilidade e, principalmente, pela generosidade, era comum os dois se encontrarem em

confabulação, plantando e colhendo ideias para movimentar, para agitar e mesmo para protestar sobre as iniciativas que surgem não se sabe de onde que insultam a cultura brasileira. Se o poeta estivesse impedido por algum motivo, aí sim, Zé Andrade recorria ao plano "B".

Se não escapuliu nenhum perdido nos registros desorganizados do poeta Sá de João Pessoa, foram os seguintes folhetos feitos ou a pedido, ou por inspiração, ou por instigação, ou persuasão, coisas em que Zé Andrade é mestre por talento natural. Se na infância – diz ele – os dedos lhes contavam histórias, quando se deu por gente grande na cidade mais desinibida do país, o Rio de Janeiro, os talentos naturais trazidos do tempo de garoto se expandiram até, por fim, leva-lo ao sucesso e à fama mais que merecidos.

Os folhetos – salvo falha de esquecimento – são os seguintes:

Está fundada a ABCC (1983)
O vampiro de Santa Teresa (1983) *
Aniversário da ABCC (1984)
O mundo de Zé Andrade (l984) *
ABC de Ferreira Gullar (2003)
ABC de Carlos Zéfiro (2009) *
Folia de Ris em cordel (2010)
O avô brasileiro de Obama (2011) *
Augusto dos Anjos-100 anos do "EU" (2012)
Plante um pé de tamarindo (2012) – Antologia *

Os folhetos citados e marcados com um asterisco (*) já estão incluídos nesta estória-homenagem ao artista Zé Andrade. Os demais serão reproduzidos com algumas observações. À primeira vista são desimportantes e temas de épocas: é ara isso mesmo que serve o folheto e cordel. É uma crônica rimada, que fala de acontecimentos presentes, passados e futuros, como já nos ensinou nosso maior cronista, o Padre Antônio Vieira, em seus famosos sermões. Ele não rimava, mas era um sábio homem de letras, cujos sermões pregados nas igrejas entulhadas de gente de toda classe social, denunciavam, criticavam, puniam com a ferocidade exigida por Jesus quando tomava decisões implacáveis.

Particular atenção mereceu os folhetos lançados por ocasião histórica em que as Diretas Já eram exigidas nas calçadas, nas ruas, nas praças e pelos cordelistas da Feira de São Cristóvão. A política passava pela abertura democrática. Franklin Maxado e Raimundo Silva vieram de São Paulo trazendo novidades: a fundação do Partido Kordelista Brasileiro, o apoio à campanha das "Diretas Já" e o lançamento da candidatura de um poeta popular à Presidência da República. Juntaram-se aos poetas, os artistas do Rio de Janeiro – entre eles, Zé Andrade, Ciro Fernandes e Marcelo Soares, ligados ao cordel – que adotaram prontamente a iniciativa, comprometendo-se a publicar folhetos e promover atos em defesa da democracia. Essa história ficou registrada com a avalanche de folhetos publicados na época e em reportagem em vários jornais e revistas, merecendo página central em edição d'O Pasquim.

Carlos Drummond de Andrade – assim atestam várias crônicas publicadas na sua coluna do Jornal do Brasil – sempre foi um leitor e estudioso da Literatura de Cordel. Não chegou a ser como o amigo Orígenes Lessa, mas nessa ocasião histórica aproveitou as muitas publicações de folhetos favoráveis à eleição direta para endossar seu apoio. A crônica reproduzida a seguir é bem exemplar quanto à postura política do Poeta de Itabira. Pode-se dizer que naquele momento Carlos Drummond de Andrade se tornou em definitivo um legítimo Carioca.

A crônica de Drummond:

Os poetas estão com toda força

Na Casa de Rui Barbosa, vai-se tornando hábito a comemoração do 80º aniversário de escritores brasileiros. É mais uma atividade educativa dessa casa de cultura, que assim aproxima autor e público, numa visão geral de vida e obra daquele.

Esta semana foi a vez de Orígenes Lessa, contemplado com sugestiva exposição de suas obras (entre edições

originais, reedições e traduções para diversas línguas, em número superior aos 80 de sua idade), além de fotos e documentos variados.

Homenagem que ninguém poderia chamar de injusta ou exagerada. Orígenes é dos escritores que dignificam entre nós o ofício das letras, pelos seus dons criativos e por sua postura ética. Francisco de Asais Barbosa, ao saudá-lo, acentuou os serviços que ele vem prestando à comunidade, com sua arte de falar igualmente a adultos e a crianças. E ainda com o trabalho que empreendeu para valorizar a poesia popular brasileira.

Multa gente acudiu à abertura da exposição. Não faltaram cordelistas e repentistas que a mim deixaram impressão viva: a de que atingimos finalmente um grau de evolução cultural em que um escritor de formação erudita é amado pelos cantores de feira. Foi tocante ver Raimundo de Santa Helena, Sá de João Pessoa, Franklin Maxado, o legendário Azulão e outros, cercando o titular da Academia Brasileira de Letras, que de camisa esporte em vez de fardão mirabolante, enfrentava com galhardia tanto os 80 anos como a vibração do festejo.

Cordelistas não dormem em serviço. Ali mesmo, enquanto Orígenes autografava, eles, com seus improvisos e violas adestrados, distribuíam suas produções mais recentes, como sempre vinculadas à atualidade. Notei que dois temas ocupam hoje a atenção de nossos poetas populares: a criação de uma Academia Brasileira de Cordelistas e a candidatura de um deles à Presidência da República. Como variante do primeiro assunto, cogitam também da candidatura de um cordelista à Academia Brasileira de Letras, para o que já foram dados passos iniciais.

Sá de João Pessoa dá prioridade à fundação do grêmio cordelista. Chega a afirmar, no título de seu novo folheto: "Está fundada a Academia". Pede a bênção das musas para a instituição e proclama:

É hora de haver união
Para esse nosso mister.
A criação da A.B.C.
Há muito o tempo requer
Para que o poeta fique
No lugar que o povo quer.

Informa a seguir que a "pedra fundamental" foi lançada num domingo na feira de São Cristóvão e brindada "com cachaça,/e carne-seca e feijão". A ideia partiu de Zé Andrade. Quanto à organização:

Deus já foi convocado
Pra fazer o estatuto.
Se Ele não puder vir.
Que mande um substituto.

O representante divino – está na cara – só pode ser o grande Leandro Gomes de Barros, de venerada memória, e pioneiro da poesia de cordel. Será o patrono. "merece esse trono". Outras cadeiras, porém, "serão livres, não têm dono"...

Assim:

Pra entrar na Academia
Nem precisa instrução
Basta ser Cordelista
Da cidade ou do sertão
Mexeu com cordel tá lá
Mesmo que seja intrujão.

Só que "tem de ser bom no repente,/bom tocador de viola,/um bamba na aguardente,/triângulo, sanfona e bumbo". Também podem entrar xilógrafos e ilustradores. A sessão começa na alvorada e vai dia afora, "invadindo a madrugada./O ano vai-se passando/e nunca é encerrada". A sede acadêmica "tem como teto o céu,/as cortinas são de

estrelas,/ as nuvens são como véu,/ o seu hino é declamado no repente do cordel". A sede dispõe de 620 bares e milhares de cadeiras para os Imortais que se exercitem "na viola e no cordel,/ no aboio e no berrante".

O poeta conclui informando que seu colega Maxado Nordestino achou boa a ideia e vem "participar da lida". Porem Maxado tem outra pretensão poético-política, tal como informei em crônica passada: é candidato, como Andreazza, Maluf e outras figuras, a Presidente da República E Sá de João Pessoa apoia a sua candidatura, em outro folheto a que deu o titulo "Maxado pra presidente". Sobre ele falarei na próxima, pois os poetas de cordel estão cada vez na ordem do dia, e quem sabe se um deles botará ordem no país.

Acho que devemos considerar válida a alternativa: um poeta no poder. E cordelista, ainda por cima. Temos tido tantos prosadores, de paletó ou farda, nesse posto. Por que não experimentar um poeta, ainda mais representante genuíno do nosso povo mais sofrido e mais impregnado de poesia, apesar de todos os decretos, pacotes, desindexações e o diabo em figura de crise?

Os poetas populares, com toda a força, integraram-se na sociedade brasileira, e passaram a ocupar espaço cultural nas grandes cidades.

(Jornal do Brasil, 16/07/1983).

Foi essa a razão da fundação simbólica da ABCC – Academia Brasileira do Cordel e da Cachaça – por extenso. O que esculhambava a pretensa fundação acadêmica era o último "C" (de Cachaça), que foi incluído provocativamente para irritar os moralistas que viviam a depreciar os colegas poetas que bebiam chamando-os de cachaceiros. Realmente, tinha uma turma de poetas que pegavam pesado na branquinha, mas nem por isso suas produções perdiam a qualidade e o valor. Beber era um ato de rebeldia, de revolta, porque a maioria dos poetas de cordel não viviam de sua

poesia, mas de outros trabalhos, alguns não honrosos. Havia também o lado moral, os dramas familiares, a pobreza....

Está fundada a ABCC
(Academia Brasileira do Cordel e da Cachaça)

Autor: Sá de João Pessoa

Musas da lira acorrei
Peço vossa inspiração
Para todos os poetas
Dê a vossa sagração
Abençoe a ABC
Nesta sua fundação.

Chamo todos os poetas
Do nosso Brasil querido
Violeiros, gravadores
Todos que acham sentido
Na cultura popular
Assumam logo partido.

É hora de haver união
Para esse nosso mister
A criação da ABC
Há muito o tempo requer
Para que o poeta fique
No lugar que o povo quer.

Domingo em São Cristóvão
Foi grande a animação
A pedra fundamental
Da nobre instituição
Foi brindada com cachaça
E carne-seca e feijão.

Zé Andrade deu ideia
O povo todo aprovou
Está fundada a ABC
E recebe o meu louvor
A Academia Brasileira
Do cordel e cantador.

Daremos o nosso apoio
Sem haver desarmonia
A Academia Brasileira
Do Cordel e Cantoria
Que tornará imortal
Do povo a sabedoria.

A Academia do Cordel
Da cantoria é o fruto
Deus já foi convocado
Pra fazer o estatuto
Se Ele não puder vir
Que mande o substituto.

Leandro Gomes de Barros
Será da ABC o patrono
Ele foi um pioneiro
E merece esse trono
Outras cadeiras porém
Serão livres não tem dono.

A sede da Academia
Tem como teto o céu
Cortinas são de estrelas
As nuvens são como véu
O seu hino declamado
No repente do cordel.

Um edifício de ar
De setecentos andares
Elevadores com asas
Seiscentos e vinte bares
Biblioteca sem par
E sons espetaculares.

Cem mil e cinco cadeiras
De vento e diamante
Pro imortal sentar nelas
Tem que ser que-nem gigante
Na viola e no cordel
No abolo e no berrante.

Tome nota minha gente
Do endereço da ABC
Fica na Rua da Curva
Num prédio que não se vê
Na Capital Federal
Do País São Saruê.

A sede da ABC
Cabe em toda cidade
Da Capital ou Sertão
Onde houver necessidade
Ali será erigida
Com toda sua majestade.

Pra entrar na Academia
Nem precisa inscrição
Basta ser Cordelista
Da cidade ou do sertão
Mexeu com cordel tá lá
Mesmo que seja intrujão.

Pra entrar na Academia
Tem que ser bom no repente
Bom tocador de viola
Um bamba na aguardente
Triângulo, sanfona e bumbo
Faz Parte da nossa gente.

Também nela tem assento
Xilógrafo e ilustrador
Eles dão vida ao cordel
E tratam com muito amor
O folheto e o romance
Seja qual for o autor.

A sessão da Academia
Começa na alvorada
Se vai pelo dia afora
Invadindo a madrugada
Os anos vão se passando
E nunca é encerrada.

Uma tragada de cana
Uma colher de feijão
E começa a cantoria
Com peleja e discussão
O violeiro decreta
Está aberta a sessão.

Não tem sessão sem Poeta
Cantador e violeiro
Discurso se lê em verso
Acompanha o sanfoneiro
E pra cantar não tem vez
Canta quem chega primeiro.

Serenada a cantoria
O autor novo apresenta
Um verso da sua lavra
E o ambiente esquenta
Vara a noite, chega o dia
Quem é fraco não aguenta.

O chá da Academia
É bebido a toda hora
Toma o pessoal que chega
Brinda com quem vai embora
Quem fica, fica contente
Quem vai alegre não chora.

Cada vez é uma festa
Seja de noite ou de dia
Muita bebida e comida
Falatório e alegria
Assim se faz a sessão
Da nossa Academia.

Barraco, banca, bancada
Até parece uma feira
Os membros não têm fardão
A turma quer brincadeira
Todos aqui têm acesso
Gente sem eira nem beira.

O grande representante
Da Paulicéia querida
O Maxado Nordestino
Viu que a idéia tem vida
E logo se aproximou
Pra participar da lida.

Do amigo Zé Andrade
Aqui faço a louvação
Que teve a feliz ideia
E pôs logo ela em ação
A ele deve a ABC
A sua inauguração.

Risca no céu o trovão
O céu com brilho anuncia
Vem aí os novos tempos
É chegado o nosso dia
Desde já está fundado
O cordel da Academia.
(1983)

Um ano depois Zé Andrade promoveu uma festa do 1º aniversário da ABCC, alegrada com um almoço e outros acepipes no seu ateliê de Santa Teresa. Na verdade, a comemoração era apenas motivo para reunir os amigos e gastar o dia e a noite em prosas maravilhosas das quais não se perdia sequer uma vírgula! E era certo da reunião provocar novas amizades, novos amores, novas paixões – tal era o clima da São Saruê carioca.

1º ANIVERSÁRIO DA ABC
Academia Brasileira do Cordel e da Cachaça

Cachaça, cordel, poesia
Andam juntos como irmãos
Sem a cachaça vadia
Não vem a inspiração
Juntou os dois que beleza!
E coisa da Natureza.
Gostosa que nem o Cão!

Nesta sã reunião
Aqui estão mil poetas
Brabos que só Cansanção
No traço vários estetas
Cachaça, cordel, poesia
Juntam aqui neste dia
Muitos artistas porretas.

Todos mamando nas tetas
Da Deusa Palas das artes
Vagando pelos planetas
Vênus, Terra, Sol e Marte
Tudo pela Divina Graça
Cordel, poesia, cachaça
Com amor, finura e arte.

Com o Demo tenho parte
Cachaça, cordel, poesia
Em quantidade que farte
Todo o ano, todo dia
Aqui neste santuário
Brindemos o aniversario
Nesta nossa Academia.

Cachaça, Cordel, Poesia
Maxado da machadada
O Ciro xilografia
Luscar o Dr. Baixada
Marcelo pare gravura
Zé no Barro e loucura!
Joel no canto e parada!

Não digo nada com nada
Não falo coisa com coisa
Depois desta cachaçada
Zé Limeira aqui pousa
Cachaça, cordel, poesia
Dia e noite, noite e dia
Lousa e coisa, coisa e lousa.

Escrevam na minha lousa

Sem fazer muita chalaça
"Este que aqui repousa
Amou mulher e cachaça"
Cachaça, cordel, poesia
Mulher chamada Maria
O resto na vida passa.

Ergamos pois nossa taça
Nesta comemoração
A amizade é argamassa
Que faz o povo irmão
Cachaça, cordel, poesia
Nos une aqui neste dia
Em perene comunhão.

Encerro esta louvação
Falando na A.B.C.
Que teve sua fundação
No dia de São Saruê
No Canto da Poesia
Cana, cordel, cantoria
Animaram o fuzuê.

Mesmo sem radio e TV
Repercutiu o festim
Deu ate no J. B.
Tava presente O PASQUIM
Cachaça, cordel, poesia
Carne-de-sol, cantoria
Para quem tivesse a fim.

Agora é mesmo o fim
Pois enquanto estou cantando
Vocês em torno de mim
Estão se locupletando
Cachaça, cordel, poesia
Na mais perene alegria
Eu fico aqui me babando.

Adeus! Adeus! Até quando
Um novo encontro se faça
Amigo não está sobrando

E amizade nunca passa
Adeus! Até outro dia!
Cachaça, cordel, poesia
Poesia, cordel e cachaça.
(15/09/1984)

Na contracapa interna fiz um "Poema Para Santa Teresa", que, realmente, é um bairro inspirador e é comparado – a contragosto de alguns moradores – a Montparnasse, Beverly Hills, Soho e outros locais em que artistas por acaso inventam de residir e instalar lá seus ateliês:

Poema para Sta. Teresa

Subindo Santa Teresa
Começa o encantamento
O bonde aberto
O peito aberto
Os corações abertos.

Subindo Santa Teresa
A gente amiga sentada
Exala o calor humano
A gente no estribo
Refresca-se do calor.

Subindo Santa Teresa
O bonde aos poucos sobe
As almas se elevam
Os amores crescem
As paixões se desesperam.

Subindo Santa Teresa
A tarde aos poucos desce
O ocaso iluminando
Os prédios avermelhando
Eis a paisagem que passa.

Subindo Santa Teresa
Deixando o amargo distante
Largando o presente bem longe
Buscando o solidário calor

O humano e amigo calor.

Subindo Santa Teresa
Deixando a cidade deserta
Largando as almas vazias
Buscando o refúgio nos colos
No seio, no ventre, na boca.
(15/09/1984)

(Texto da Contracapa)
Este Folheto registra o 1° Aniversário da A.B.C.C. Em reunião no recanto do Zé Andrade, Rua Áurea 118 - Santa Teresa, em 15/09/1984.
Presentes:
Ciro Fernandes,
Marcelo Soares,
Joel Borges,
Luscar,
Sá de João Pessoa,
Zé Andrade,
Franklin Maxado,
Salomão Rovedo, entre outros

ABC de Ferreira Gullar

Esse folheto também nasceu de um almoço no qual Zé Andrade tinha como convidado especial o poeta maranhense Ferreira Gullar, cujo nome dispensa apresentação. Sabedores da presença importante, vários poetas e amigos de Zé Andrade acorreram: foi uma reunião que mereceu vários registros e, de parte de Sá de João Pessoa, este ABC. Ferreira Gullar, no site que guarda sua página e suas obras, fez menção ao fato: "É a glória! Ser imortalizado por um poeta de cordel paraibano é melhor que entrar na Academia Brasileira de Letras".

No entanto, como se viu depois, o poeta não resistiu à merecida glória: *com a tácita concordância de tantos confrades que lhe sufragaram o nome,* se candidatou a uma vaga na Academia Brasileira de Letras, foi eleito, vestiu o fardão, tomou posse com direito a discurso de recepção, champanhe, participou dos chás da 5ª feira, e morreu: hoje sua alma

imortal repousa no Panteão dos Imortais no Cemitério São João Batista, Rio de Janeiro.

ABC de Ferreira Gullar

Acorram todas as musas
Pro cantador socorrer
Dai inspiração e talento
Para que possa escrever
O ABC de um poeta
Nas letras famoso esteta
E de orgulhoso viver.

Bem ali no Maranhão
Nasceu Ferreira Gullar
É terra que o brasileiro
Pode muito se orgulhar
Pois inúmeros artistas
De teatro e romancistas
O mundo já ouviu falar.

Com só 19 anos
Na capital São Luís
Lançou o primeiro livro
Em seguida Gullar quis
Já no Rio de Janeiro
Pôr seu talento inteiro
Ao serviço do país.

Deu aulas e publicou
Novo livro de poemas
Atuou no jornalismo
Na crítica e outros temas
Com "A luta corporal"
Provocou celeuma tal
Que abalou todo o sistema.

Então vai para Brasília
Majestosa Capital
Para ajudar Juscelino

Na Fundação Cultural
Depois retorna pra UNE
Local onde se reúne
A elite intelectual.

Ferreira Gullar pressente
As garras da ditadura
Ao se sentir perseguido
Var sofrer a amargura
De um exílio infeliz
Lima, Argentina e Paris
Para escapar da tortura.

Gullar porém não desiste
Continua a produção
Manda "Por você, por mim"
Enfrenta a situação
"Dentro da noite veloz"
Mantém viva a sua voz
E mais "Uma luz no chão".

Homem honrado e valente
Usou versos verdadeiros
Para criar "Poema sujo"
Na terra de milongueiros
Com amor e honestidade
Resgatou a dignidade
De todos nós brasileiros.

Interessante é o poder
Desse poema genial
Serviu para despertar
Um sentimento geral
Mesmo clandestinamente
Correu na boca da gente
Virou Hino Nacional.

Já retornado ao Brasil
Pôde Gullar retomar
O seu labor literário

Do clássico ao popular
"Crime na flora" escreveu
A arte nova defendeu
Volta o talento a brilhar.

Logo é chamado pra dar
Palestras e conferências
De palavra respeitada
Liberto das influências
O poeta se mantém
Como ao escritor convém
Sem permitir ingerências.

Mesmo sendo conhecido
No mundo intelectual
Ter a vida devotada
A defender seu ideal
Em nome do seu país
Ferreira Gullar não quis
A pasmaceira geral.

Não foi um agraciado
Quando voltou do exílio
Deste Brasil democrata
Não pediu nenhum auxílio
Chega à vida madura
Sem aceitar ditadura
De Figueiredo ou Emílio.

O homem deve manter
Vínculo com a Liberdade
Lutar pelos excluídos
Defender a igualdade
E enfrentar a opressão
Se fizer esta opção
Terá sua eternidade.

Partindo desse princípio
Que a Carta Magna adotou
Como outros dissidentes

Que a anistia amparou
É dever desta Nação
Dar ao Gullar atenção
Porque também batalhou.

Quero relembrar àquele
Que da memória padece
É tempo de devolver
O que o poeta merece
É parte da nossa História
Sabe quem tem memória
E quem de perto o conhece.

Resgatar todas as dívidas
Que deixou a repressão
Reparar todos os erros
Dos tempos de exceção
Enquanto poeta ativo
Pois o verso mantém vivo
O cantar do coração.

Sei que inda vou conhecer
E na memória guardar
Toda a vida aventurosa
Deste poeta sem par
E quem meu folheto ler
Jamais vai se esquecer
Deste Ferreira Gullar.

Todo povo brasileiro
Principalmente o leitor
Tem que saber do poeta
A sua vida e o labor
Ele emprestou sua voz
E tudo que fez por nós
Foi de distinto valor.

Ultimamente o poeta
Está de bem com a vida
Anda bem acompanhado

É uma pessoa querida
Um mar tranquilo de paz
A homenagem se faz
Cada vez mais merecida.

Vou agora encerrar
Minha louvação modesta
Creia meu caro colega
Este momento se presta
Dizer que sua poesia
Traz muita paz e harmonia
E deixa a alma em festa.

Xis é letra que não rima
Com porcaria nenhuma
Dá desgosto fazer verso
Com essa letra que é uma
Coisa que nem vou falar
Desculpe caro Gullar
X não vale porra alguma.

Ypsilone letra infame
Incapaz de se rimar
É capaz de endoidecer
Quem quiser se arriscar
Pois não é letra castiça
Aqui só enche linguiça
Para completar o par.

Zé Andrade meu amigo
Faça o favor de entregar
Esta parca inspiração
Ao seu amigo Gullar
São versos pegados à toa
Pelo Sá de João Pessoa.
Feito em cordel popular.
(21/07/2003)

Folia de Reis em Cordel

Este foi um folheto feito por um duplo pedido de Zé Andrade e do poeta e cantador Marcus Lucena para os festejos da Semana do Reisado na Feira de São Cristóvão – já formalizada como Centro de Tradições Nordestinas. Zé Andrade é autor da Capa e Marcus Lucena – que era candidato a Deputado Federal (eu ainda não sabia) foi o responsável pela publicação do folheto. A curiosidade é que, ao ser publicado, os versos foram editados pelo próprio Marcus Lucena, para promover a candidatura. Apesar de não ter sido avisado com antecedência, não me aborreci. O texto foi bem aproveitado por Marcus Lucena, que também é poeta, compositor e cantador. A intenção foi ótima – ter um cordelista representando a classe no Congresso Nacional, mas o sonho não se realizou. Valeu pela tentativa, acontece...

Folia de Reis em Cordel

A Feira de São Cristóvão
Tem tradição nordestina
É o Centro Luiz Gonzaga
Que assim se denomina
Em dezembro vai brilhar
Na Festança Natalina.

Quando se chega aqui
Fica-se impressionado
Bares, lojas, restaurantes
Tudo está modernizado
E um ambiente família
Se espalha por todo lado.

Faltava ao nosso terreiro
Se incorporar à cidade
Multiplicando a alegria
O riso e a felicidade
Na feira vem a criança
O jovem e a melhor idade!

O ambiente colorido
Como feiras sarracenas
O rapaz declara amor

Com buquê de açucenas
Eis que circula o espírito
Das entidades Lucena.

Assistimos novidades
Espetáculos todo mês
Na festa de fim de ano
Especial pra vocês
A Feira apresentará
O terno Folia de Reis.

O Reisado representa
O respeito universal
Ao fato que todo mundo
Tem consciência total
Do nascimento de Deus
Festejado no Natal.

O fausto acontecimento
Que na Bíblia foi narrado
Pra ganhar perenidade
Num auto é representado
Nasceu a Folia de Reis
Também chamado Reisado.

Os três Reis Magos viviam
Em terras equidistantes
Mas um sinal luminoso
Com seus raios fulgurantes
Foi pelos Reis conhecido
Fato dos mais importantes.

Gaspar era Rei das Índias
E assim foi reconhecido
Melquior – o Rei da Luz
Pela luz foi atraído
Baltasar da Abissínia
Muito abastado e querido.

Com o coração em festa
Vestido suntuosamente
Cada qual se preparou

Bela e luxuosamente
Pra registrar o milagre
Esperado intensamente.

Pela luz foram guiados
Com espíritos abertos
Encarando tempestades
Atravessando desertos
Tudo porque os Reis Magos

Do milagre estavam certos.
Depois de uma semana
Dia e noite caminhando
Por fim a Estrela estacou
A um ponto se alinhando
Bem próximo os Reis viam
A luz um local banhando.

Reparando que a Estrela
Anunciava o amanhã
E mesmo passada a noite
Rebrilhava na manhã
Viam que tinham chegado
Na cidade de Canaã.

Grande e intenso júbilo
E bem maior alegria
Compensou a exaustão
Renovou-se a energia
Porque poderão cumprir
O que disse a profecia.

Seguindo as indicações
Chegaram à casa e viram
O menino com Maria
De joelho os Reis caíram
Adorando o redentor
De santidade se ungiram.

Os reis assim prostrados
Cada qual mais comovente
Recitaram louvações

Do modo mais eloquente
Preciosidades ofertaram
Ao Menino-Deus presente.

Ali foi depositado
Inestimável tesouro
O menino recebeu
De Melquior o Rei Mouro
Por nobreza e juventude
Mil paramentos de Ouro.

Em seguida por Gaspar
O rei da maturidade
Aos seus pés depositou
Oriental preciosidade
O Incenso mais sagrado
Que merece a Divindade.

Baltasar não fica atrás
E dele Jesus recebe
A alquimia da Mirra
E quem conhece percebe
As muitas complicações
Que essa oferta concebe.

A Mirra aqui representa
A alegria do momento
Também representará
Doloroso sofrimento
Que Jesus padecerá
Em desumano tormento.

Mas nem tudo é tristeza
Que este mundo assiste
Chegou a modernidade
Mas o folguedo resiste
A tradição do Reisado
Ainda entre nós existe.

Pra festejar o Natal
Com fé, carinho e afagos
Como uma árvore frutífera

A visita dos Reis Magos
Trouxe outras tradições
Pra todas terras e pagos.

O ato de dar presentes
Que o Reisado introduz
Também virou tradição
Pois o povo reproduz
O presente que os Magos
Foram levar a Jesus.

Assim chegou até nós
Outra herança especial
Veio da mesma lembrança
Um ato transcendental
O tesouro dos Reis Magos
São presentes de Natal.

A criação do Presépio
É um festejo à parte
Reúne toda a família
A vizinhança comparte
O que era um Folguedo
Acabou virando Arte.

A quatro domingos antes
Do dia que for o Natal
O Presépio é montado
Em formoso ritual
Jesus Menino aparece
Numa noite especial.

Os Reis Magos colocados
No final duma estradinha
No rumo da manjedoura
O grupo unido caminha
Em direção ao menino
Ao tempo que se avizinha.

Ante ao Menino Jesus
Só chegarão em janeiro
A data pra desmontar

O Presépio por inteiro
É o batismo de Jesus
Mais um ritual festeiro!

Que se acenda incenso
Eis o Presépio montado
Para um perfume suave
No ambiente abençoado
Ao chegar o visitante
Saúda o Grupo Sagrado.

E manter sempre uma luz
Acesa na manjedoura
Pra desejar ao menino
Aquela paz duradoura
E nos mistérios da Fé
Que seu destino entesoura.

O Presépio fica vivo
Até o mês de janeiro
Depois no Dia de Reis
Como fato rotineiro
Reúne a turma outra vez
Em novo ato festeiro.

Eis a Folia de Reis
Eis a Festa do Reisado
Que o tempo nos legou
Por mil anos validado
Hoje nós apresentamos
O festejo consagrado.
(06/01/2010)

O avô brasileiro de Obama

Quando Barack Obama no livro "Dreams from My Father" (1995) declarou que Black Orpheu era o filme favorito de sua mãe – "*A representação dos negros, imagem inversa dos selvagens escuros de Conrad, era o que minha mãe tinha levado com ela para o Havaí anos antes, fantasias simples que haviam sido proibidas a uma menina branca, de classe média do Kansas, a promessa de uma outra vida: quente, sensual,*

exótica, diferente" – Zé Andrade percebeu o significado: havia uma ligação visceral entre as imagens do filme e os sonhos libertários da *menina branca do Kansas*.

A história percorreu páginas de jornais, documentários na TV, filmes, livros, entrevistas. Foi também ao poeta Sá de João Pessoa que Zé Andrade compartilhou as primeiras ideias: – *Isso dá um folheto!* E deu! "O avô brasileiro de Obama" hoje está presente na prestigiosa *The Library of Congress: the world's largest library, offering access to the creative record of the United States - and extensive materials from around the world - both on-site and online* – além de outras entidades de prestígio em literatura e estudos sobre os Presidentes norte-americanos.

O folheto foi editado e publicado sob orientação e financiamento do próprio Zé Andrade, sendo a capa ilustrada com "*Os ícones (estatuetas) de Barack Obama e do Vinícius de Moraes, que foram produzidos em pequena tiragem, em cerâmica policromada, queimada a 1000°C. Cada exemplar é assinado, datado e numerado pelo autor. Maiores informações no site:* http://www.zeandrade.com, conforme informação detalhada constante na contracapa da publicação.

O avô brasileiro de Obama

Autor: Sá de João Pessoa
(Sob a batuta de Zé Andrade)

Ele mesmo, caros amigos,
Que hoje levanta a chama
De uma grande nação,
O Presidente Obama,
O Brasil teve por tema
Nas telas de um cinema
Antes de ter glória e fama.

Hoje aqui vamos fazer
A grande revelação
Dizer que um Presidente
De grande repercussão
Tem no solo nacional

Um avô sentimental
Que adotou como irmão.

O conhecido escultor
E artista Zé Andrade
Num lance intuitivo
Descortinou a verdade
No bairro Santa Teresa
Configurou com certeza
Cores de realidade.

Existem alguns indícios
De cunho espiritual
Próprios da mulher livre
Com o dom sensorial
Ela recebe influência
Trazida pela ciência
Chamada paranormal.

Foi de modo casual
Ou mera curiosidade
Que ela entrou no cinema
Que havia em sua cidade
E ali estava em cartaz
O Vinicius de Moraes
Em plena atualidade.

O filme que ele assistiu
Foi Orfeu da Conceição
Uma peça musicada
Que tinha no morro ação
Evocando o mito grego
Dar vida a um Orfeu negro
Causou muita sensação.

Quando a nossa poetinha
Escreveu aquele drama,
O autor e compositor
Viu-se cercado de fama,
Desde as terras brasileiras
Atravessou as fronteiras
Entrou na vida de Obama.

Ao cineasta Camus
Vinicius deu o roteiro
E a tragédia de Orfeu
Do morro fez seu terreiro,
O sentimento profundo
Ganhou as telas do mundo
Virou mito brasileiro.

O menino ficou pasmo
Com aquela obra-prima,
O drama feriu-lhe a alma
E deixa, ainda por cima,
Não por casualidade,
Um sonho de liberdade
Que a sua vida anima.

Aqui no mês de setembro
– Teatro Municipal –
Neste Rio de Janeiro
Foi o dia inaugural
De Orfeu da Conceição,
A peça de uma nação
Trágica, bela, fatal!

O poeta brasileiro
Vinícius de Morais
Adaptou o mito grego
A lenda cheia de paz
Orfeu e sua voz mansa,
Qualquer fera que alcança
Não se rebela jamais.

Aqui o Orfeu também toca
Os sons mais melodiosos,
Amansa a gente que sofre
Em rituais dolorosos,
Vivendo numa favela
É dele a mulher mais bela
Dona de encantos formosos.

A luta que Orfeu enfrenta

Para resgatar a amada
Do inferno da favela
Após ela ter sido picada
Mas não por uma serpente,
O ciúme, o sangue quente,
Causaram a emboscada.

Filho da musa Calíope
É a história de Orfeu,
Das favelas cariocas
O mundo inteiro correu,
O tempo de carnaval
Saiu assim no jornal
Eu conto como se deu.

Pois quando surgiu o filme
Orfeu Negro se chamou,
O som de Bonfá e Jobim
A película musicou,
Marpessa Dawn, Breno Mello,
São as partes do mais belo
Cenário que se imaginou.

Cheio de bela paisagem
Como a do raiar do dia,
O sol brilha na favela
Nada de mal se anuncia,
Mas o aparecer da morte
Deixa ver o fim da sorte
Que a caveira prenuncia.

O samba o júri empolga
A revelar um tesouro,
O filme alcança sucesso
E ganha a Palma de Ouro,
Parte para Hollywood
Eia, que a sorte não mude!
O Oscar não é um desdouro.

Passeando em Chicago
A jovem chamada Ana
Que estuda antropologia

Dia desses da semana
Quis ver o filme estrangeiro
Colheu o Orfeu brasileiro
E ela achou muito bacana.

São desígnios do Destino,
Não é mera coincidência,
O primeiro filme estranho
Sem qualquer experiência,
Ela foi ver Black Orpheu
Pois o que aconteceu
Mudou a sua existência.

Ana ficou empolgada
E cheia de empolgação,
A favela brasileira,
O drama de uma nação,
A música, a vida, o calor,
Tamborim, cuíca, tambor
Traz-lhe forte agitação.

Ana saiu do cinema
Em transe, maravilhada,
Vibrou com atores negros
Da terra ficou encantada
– Em minha vida infinda,
Nunca vi coisa mais linda!
Exclamou extasiada...

O santo arrebatamento
A jovem transfigurou,
Para completar estudos
Para o Havaí embarcou,
Só tinha dezoito anos,
Nem mágoas e desenganos
O seu destino alterou...

Foi ali que conheceu
Um jovem negro valente
E Barack Hussein Obama,
Natural do Quênia quente,
Era o mesmo Orfeu guerreiro

Aquele Orfeu brasileiro
Que estava na sua frente!

A moça branca estudante
A seu herói se entregou
Viveram livres e amantes
Enquanto o tempo durou
E o milagre então se deu:
Eram Eurídice e Orfeu
– O mito se consagrou!

Tudo no mundo acontece
De modo determinado,
O caminho a percorrer
Já nos vem sacramentado,
Para completar o destino
O casal teve um menino:
A vida é um solo sagrado!

O resto, todos já sabem:
É ele o querido ente
Que todo mundo respeita,
O primeiro dirigente
Que tem raiz africana
Graças à estudante Ana,
Livre e nada prudente...

Quando Barack Obama
As memórias escreveu
Relembrou um fato estranho
Que em New York se deu
Sua mãe convidou-o a vir
Com ela um filme assistir
O título? Black Orpheu.

No meio do filme o rapaz
Sentiu-se entediado,
Levantou para ir embora
E olhou para a mãe ao lado,
Ao ver seu olhar brilhante
Desistiu de ir adiante
Ficou quieto, calado.

Saíram os dois abraçados
No meio da multidão
Sentiu pela sua mãe
Ternura, amor e afeição,
O que ele viu fez crescer
Por uma grande mulher
A maior admiração.

Agora estão sabendo
Sobre o avô desconhecido
Que o Presidente Obama
Gostaria de ter tido:
Foi Orfeu da Conceição
Quem deu a inspiração
Para ele ter nascido.

Dou razão a Zé Andrade
Por ter levantado a ideia,
Este mundo universal
Tem coisa bela e feia,
Quem revê a trajetória
De Obama vê a História
Ser passada numa aldeia.

A luta me faz feliz,
Não sou de deitar na fama,
Gentileza, paz e amor,
Paz e amor a quem nos ama,
Pois o Rio de Janeiro
Declara de corpo inteiro:
Benvindo, Barack Obama!
(16/03/2011)

Augusto dos Anjos – 100 anos do EU

Por fim, o folheto que comemora o centenário da publicação do livro "EU", de Augusto dos Anjos, foi pedido de Zé Andrade, que juntou com minha intenção pessoal, por isso saiu espontaneamente. Mas também veio a reboque da coletânea que o Zé Andrade promoveu e está descrita em algum lugar deste volume.

Considero o livro “EU”, de Augusto dos Anjos, um dos grandes da poesia brasileira e universal. Na minha modesta opinião, está ao lado de “Folhas de Relva” de Walt Whitman, “As flores do mal” de Charles Baudelaire, de “O barco bêbado”, de Artur Rimbaud. Não entendo como possa estar tão esquecido; não entendo porque não está permanentemente nos currículos escolares; não entendo como as entidades voltadas à poesia e à literatura, ao livro enfim, deixam o “EU” de Augusto dos Anjos esquecido. Esta é uma obra que merece comemoração todos os anos!

A merecida homenagem que Zé Andrade promoveu em defesa do tamarindeiro derribado em Leopoldina (MG), onde morreu Augusto dos Anjos, mexeu comigo, porque grande parte dos poemas do livro do poeta foram escritos numa árvore gêmea, em Sapé (PB). E lá, pessoas íntegras, técnicos e botânicos também lutam para manter vivo o pé de tamarindo que enfeita o Museu Augusto dos Anos.

Augusto dos Anjos
100 Anos do EU (1912-2012)

O pedido de um amigo
Pra mim é coisa sagrada,
Nunca pensei em fazer
Verso assim de nomeada,
Enrascou-me o Zé Andrade
Com a responsabilidade
Sobre essa obra afamada!

Juro que quis recusar
– O Zé me comprometeu! –
Falar de Augusto dos Anjos
E do seu livro – o EU –
Eu mesmo não me confio
É tão grande o desafio
E afinal – quem sou eu?

Mas é nobre a intenção
Que Zé guarda sob um véu:
Essa data é importante

Não passará assim ao léu,
O Zé quer homenagear
Esse livro popular
E junto vai um cordel.

Pra muitos é pouca coisa
Um livro fazer 100 anos,
Pois outros já completaram,
Sob a bênção dos arcanos
De idade pra mais de mil,
(Só lá fora isso se viu
Entre poetas profanos...)

E não é coisinha à toa
100 anos sendo lembrado
É importante celebrar,
É pra ser comemorado,
Muitos poemas do EU
O artista não esqueceu,
Nos palcos tem recitado.

Um livro, uma tragédia,
Marcada pelo destino,
Uma atitude impensada,
Como coisa de menino,
Era tempo que os poetas
Viviam como os estetas
Toda a vida em desatino.

Porém, se não fosse assim
Como seria a História?
Escrever uma obra-prima
Que alcançasse a glória?
Como incendiar a chama
Que levará enfim à fama
Uma alma então inglória?

Pode o artista resistir
Numa pacata cidade
Ensinando como o viver
Revigora a mocidade,
Se por dentro a alma arde

Enquanto não vem a tarde
Na busca por liberdade?

Falar de Augusto dos Anjos
É falar do livro – EU –
Marcado pela tragédia
Desde o dia em que nasceu
Numa alma revoltosa
Que vivia em polvorosa
A obra-prima floresceu!

O texto em si nos remete
Aos primórdios da existência,
À pré-história do homem
E da original inocência,
Seu lado puro e profundo
Contrasta o ser imundo
E sem qualquer consciência.

Ao eu – filho do carbono –
Misturado ao amoníaco,
Monstro da escuridão
E dos signos do zodíaco,
O operário das ruínas
É o pai das carnificinas
Naturista e hipocondríaco!

Fala do homem e da carne,
Da escuridão sem luz,
Desta criatura cega
Que o fenômeno produz,
Da realidade infeliz
A boca que ora e maldiz,
O sangue, o verme, o pus.

No Monólogo duma Sombra
Diz que vem de outras eras,
É a larva do caos telúrico,
Dos cosmos e das moneras,
"Da escuridão que procedo
Guardo o cósmico segredo
Que advém d'outras esferas".

A incoerência das frases
Tufão de fonemas acres
Fere todos os ouvidos,
Produz tísicos massacres
Envoltos em treva espessa
Invade a frágil cabeça
Das inconsciências álacres.

EU – é livro que remexe
E revolve o pensamento,
É por isso que o poeta
Tinha fé no seu invento,
Prevendo a fama futura
Arriscou-se na aventura
Que lhe ditava o momento.

Ora reina o pessimismo,
Outra hora a esperança,
EU – o livro – nasceria
Assim como sua criança,
Enquanto vive a tristeza
De um tempo de pobreza
Ao contrário da bonança.

Desilusão que acabrunha
O tépido ar do sereno,
Não pensou que a Capital
Bonita e de mar ameno
Que tão linda praia tinha
Se mostrasse bem mesquinha
E de um caráter pequeno.

Mas a carne é humana
A alma – coisa divina!
Os apupos que recebe
É luz que o livro ilumina,
O seu coração se parte
Se ouve o gemido da arte
Pra ele doce menina...

Tem o desígnio do EU

– O efêmero cemitério –
– A mesma fatalidade –
Aquele bramir funéreo
Dos outros livros famosos
De destino glorioso:
Sublime, celeste, etéreo.

Depois da publicação
Augusto dos Anjos viu
A semente florescer,
De alguns críticos ouviu
Uma palavra de alento,
O autor tinha talento,
Um futuro rico previu.

Mas sendo homem sincero
Sentiu no fundo do peito
Palavras de desencanto,
A que não estava afeito,
A nota brava e feroz
Fazia do livro o algoz
Igual ao filho imperfeito.

Tudo isso fere a alma
E deixa o cara arrasado,
Tudo parece difícil
A quem tá fragilizado,
Um desânimo consome
Se um crítico de renome
Não ter o EU aprovado.

Uma nota bem simpática
Deu o Mário Pederneiras,
No Correio da Manhã,
De críticas verdadeiras,
O Osório Duque Estrada
Contribuiu pra jornada
De reduzir as baboseiras.

O Duque Estrada saudou
Como um dos corifeus
Nata da Poesia Nova,

E assim provoca os seus
Ao considerar Augusto,
Não um poeta vetusto
Que é tratado como deus.

Dois escritos arretados
Não fazem a simples crítica
Mas carregam os elogios
Condenam os que implicam
Do EU os seus rompantes
Um deles é Hermes Fontes
O outro José Oiticica.

E foi assim num crescendo
Que renome ao livro deu,
Tava ficando esquecido
– De repente reviveu! –
Sucesso, glória e fama
Pelo Brasil se derrama,
Só se fala um nome – EU!

Eram tantos no país
Os seus admiradores,
Jamais tiveram descanso
Pois eram meros credores
Do talento do poeta
E pra alcançar uma meta
Viraram semeadores...

A corrente se formou
E fizeram um mutirão,
O amigo Orris Soares
E mais uma multidão
Ajuntou as poesias
Esparsas no dia-a-dia
Pra uma nova edição.

Logo após outro poeta
Dois estudos escreveria,
Chama o poeta da morte,
Também da melancolia,
O homem dos tempos idos,

Os poemas esquecidos,
Castro e Silva editaria.

No ano de 62,
Ano do cinquentenário,
A Livraria São José
Uniu todo esse fadário,
Foi essa a publicação
(Vigésima nona edição)
Do EU que é centenário!

Agora em 2012
O Zé Andrade inaugura
A série de homenagens
À solene criatura
Que foi o nosso poeta,
Simples, humano, profeta,
– Universo de cultura!

Mas quando releio o EU
A minha alma canta e voa,
Os versos no pensamento
Como um milagre ressoa
E assim rejuvenescido
Ao Zé muito agradecido
Fica o Sá de João Pessoa!
(17/01/2012)

amor, paz, benquerer, felicidade
descanso, sossego e amizade

Se é verdade que "*a caminhada de 1.000 quilômetros começa com um passo*", frase com copyright de Mao Zedong, ficou de conhecimento incógnito o destino do último passo, o fim da jornada, até mesmo pairam dúvidas se a grande marcha teve fim. Terá a caminhada, que começou com um simples passo, chegada ao fim, mesmo que o objetivo de morar no País de São Saruê? Mentira, tudo mentira. Sonho, tudo sonho. Invenção, tudo invenção.

Quando meu amigo Zé Andrade telefonou dizendo que estava enviando pelos correios um pacote com algumas obras

e folhetos de cordel sobre a Casa São Saruê, para que eu escrevesse algo sobre isso, provavelmente teve um sonho. Melhor: repetição de sonho antigo, porque eu já havia ouvido esse pedido anos atrás e sempre me coloquei na condição de impedimento, de posse de certa incapacidade para fazê-lo. Como médico parente não pode atender paciente parente, amigo não pode escrever sobre amigo, a não ser na condição de fabulista. Como fabular é falsear, fico de fora.

No entanto, o tempo passou, os cabelos rarearam, as rugas de expressão se multiplicaram, a pandemia chegou afastando-nos fisicamente, impedindo as reuniões e visitas que fazíamos quase sempre, isso durante quarenta anos e picos! Ademais, o pacote veio acompanhado de um presente, que julguei fosse para justificar o consumo indevido de um litro de cachaça ..... que outro amigo, o poeta Franklin Maxado, me tinha mandado de Feira de Santana para degustação. Mas não: era chantagem mesmo. E como chantagem de amigo não se refuta, fi-lo. Mas o fiz sempre aplicando a máxima que me legou pessoalmente certo dia no Méier o mestre Agripino Grieco – que foi o Antônio Cândido do seu tempo: "***Use a memória, o que não se lembrar, invente!***"

Quando Sofia de Melo Araújo escreveu "*Nota Explicativa a 'Viagem a São Saruê', de Manoel Camilo dos Santos* (Projecto "Utopias Literárias e Pensamento Utópico: a Cultura Portuguesa e a Tradição Intelectual do Ocidente-Faculdade de Letras da Universidade do Porto), deu como título do seu trabalho ***"Viagem a São Saruê, de Manoel Camilo dos Santos – algures entre a bobagem e a utopia".*** Infelizmente a longa caminhada de Sofia de Melo Araújo não a levou a São Saruê e sim à Cocanha, lugar, sim, que se localizou "*algures, entre a bobagem e a utopia*".

No entanto nem tudo está perdido: Sofia de Melo Araújo coroa o fim da longa, cansativa e labiríntica jornada, com um desenlace surpreendente e revelador:

"*Foi com o sentimento de quem pisara terras de Cocanha que constatei não ser, no entanto, em tempo ou espaço algum, possível usar o medo para sufocar totalmente o desejo de felicidade. Não nego o carácter popular e quase juvenil deste*

país criado pelo e para o corpo. No entanto, no caminho para um consciente e proveitoso desfrutar e aplicar da liberdade há que primeiro conquistá-la, num grito que recuse a opressão e que recorde que para além de medieval ou moderno, influente ou miserável, o ser é fundamentalmente HUMANO".

Nesta parada temporária da jornada a que Zé Andrade me comprometeu ao dar o primeiro passo, vivi em liberdade, mesmo – é bom lembrar – estando debaixo dos governos e regimes militares. Como a própria Sofia de Melo Araújo, ***constatei não ser possível usar o medo para sufocar o desejo de felicidade.*** Estive convivendo entre amigos ali mesmo, não na Cocanha, mas na nossa São Saruê (Capital de Santa Teresa), ***país criado pelo e para o corpo***, desfrutando a liberdade conquistada sem esforço algum: era simplesmente um deixar-se viver... E devo confessar que a isso fui sensatamente induzido por Zé Andrade. Eu e muitos outros de seus colegas e amigos que frequentaram a República Independente de Santa Teresa, ao redor do ateliê dele.

Termino a interpretação do pacote que Zé Andrade me enviou com a sensação mal amunhada de que a jornada não teve um último passo: a viagem ao país São Saruê continua, não tem fim. Em algum lugar um baú de guardar pecados, esconder arcanos, confidencias, silêncios e confissões amorosas está para ser descoberto, revelando tudo, como uma capsula do tempo.

Rio de Janeiro, Cachambi, novembro/dezembro 2020 a janeiro de 2021. Ainda em plena Pandemia do Covid-19 e sob mando de políticos e empresários corruptos.